



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ROSICREIDE SOARES NOGUEIRA

**PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO JOGO “QUEBRA-CABEÇA
DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” COMO RECURSO
DIDÁTICO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**SUMÉ - PB
2019**

ROSICREIDE SOARES NOGUEIRA

**PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO JOGO “QUEBRA-CABEÇA
DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” COMO RECURSO
DIDÁTICO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Educação do
Campo do Centro de
Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido da Universidade Federal
de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Educação do Campo.**

Orientador: Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira.

**SUMÉ - PB
2019**

N778p Nogueira, Rosicreide Soares.

Produção e experimentação do jogo “Quebra-cabeça do Espaço Geográfico do Semiárido” como recurso didático no contexto escolar. / Rosicreide Soares Nogueira. - Sumé - PB: [s.n], 2019.

98 f.

Orientador: Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Recursos didáticos. 2. Elaboração de material didático. 3. Quebra cabeça - jogo. 4. Jogos educativos. 5. Educação lúdica I. Oliveira, Fabiano Custódio de. II Título.

CDU: 911:37(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

ROSICREIDE SOARES NOGUEIRA

**PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO JOGO “QUEBRA-CABEÇA
DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” COMO RECURSO
DIDÁTICO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA:



Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira
UFCG/CDSA/UAEDUC
Prof. Orientador



Professora Dr. Denise Xavier Torres
UFCG/CDSA/UAEDUC
Prof. Examinador 01



Professora. Msc. Carolina Figueiredo de Sá
UFCG/CDSA/UAEDUC
Prof. Examinador 02

Trabalho aprovado em: 05 de dezembro de 2019.

SUMÉ - PB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Dona Lené Soares Nogueira, sendo ela camponesa, sofreu duramente toda a sua vida lutando para sobreviver em uma época na região nordeste onde a seca e exploração de mão- de- obra no campo, sem nunca ter a oportunidade de estudar. Maior sonho dela era estudar, mas infelizmente ao cursar a primeira série na educação infantil, foi retirada a força da escola pelo meu avô que disse na escola, que filho dele não nasceu para estudar e sim para trabalhar. Minha mãe saiu nesse dia da escola chorando, já tinha aprendido a fazer seu nome, ela nos fez esse relato de sua vida e em sua narração é possível observar seus olhos lagrimejarem.

Dedico a você, minha mãe, teu sonho é também o meu, esse TCC é mais seu que meu. Dedico de forma especial aos meus irmãos Adenor Soares Nogueira, Arnaldo Soares Nogueira, Edilene Soares Nogueira, Almir Soares Nogueira, Rosinete Soares Nogueira, Maria Aparecida e Rosilene Soares Nogueira. Sendo estes meus irmãos Adenor, Almir, e Arnaldo, que trabalharam duramente nas grandes fazendas dos coronéis safados e exploradores, trabalharam duramente fazendo carvão ganhando o necessário apenas para a alimentação durante quatro dias.

Dedico as minhas irmãs Edilene e Rosinete, que trabalharam duramente em casa de família no sítio para ganhar apenas 2 litros de leite para alimentar as irmãs mais novas, Rosilene e Maria Aparecida, sendo estas deficientes. Passaram fome, foram explorados, começando a trabalhar aos 15 anos, o mais velho juntamente com os mais novos. Eu não sofri tanto como eles, pois nessa época estava na barriga de minha mãe, desde de criança eles deixaram a escola para trabalhar, nunca tiveram a oportunidade de estudar, nunca tiveram a oportunidade de escolher. A vocês minha mãe e meus irmãos dedico este TCC. Obrigado por terem renunciado os seus sonhos para sustentar nossa mãe e os irmãos mais novos, OBRIGADO A VOCES, QUE ME DERAM A OPORTUNIDADE DE ESCOLHA!

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, também, ao meu querido presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a minha querida presidente Dilma Rousseff, que em seu governo trouxeram as universidades públicas para mais próximo do nosso cariri paraibano. Eu sei que muitos dizem “não fizeram mais que a obrigação” ou qualquer um poderia ter feito, mas, nenhum presidente anterior fez. Sendo em seu governo o maior investimento na educação do Brasil e do Nordeste, obrigada Lula, obrigada Dilma, por todo o investimento feito na educação, através deste, muitos na minha cidade tem trabalho, onde tive a oportunidade de conhecer muitos professores universitários que tiveram a possibilidade de estudar e trabalhar, sendo todos frutos da educação pública e funcionários da educação pública. Obrigado aos colegas, Antônio, Danilo, Erivaldo, Plauto, Lucas, Vitor, João, Welson, e Regina e Tiago, foi uma enorme alegria conhecer e conviver com cada um de vocês.

Quero deixar meu agradecimento a banca examinadora aqui presente, Professora Dr^a. Denise Xavier Torres e a Professora Msc. Carolina Figueiredo de Sá, obrigado a vocês por aceitar o convite para participar deste momento tão especial em minha vida.

Deixo meu agradecimento especial aqueles que de forma mais próxima sempre estiveram ao meu lado me ajudando com sua amizade sincera, aos irmãos e amigos, meu orientador Prof Dr. Fabiano Custódio, Tiago José Vasconcelos de Farias, Eliane Pereira da Silva e a minha amiga e meu amigo de todos os dias, Dona Salomé e Zomi Chato. Sendo estes participantes os amigos mais próximos e presente em minha vida cotidiana. Obrigada a todos!

“Os sabores do amanhã estão sendo preparados na terra de nossas escolhas, o que escolhemos hoje é matéria-prima que será transmutada em vida futura. Se escolhemos amor, restarão boas saudades, se escolhemos a indiferença, restarão remorsos” (Fabio de Melo, 2012).

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Produção e Experimentação do jogo “Quebra-Cabeça do Espaço Geográfico do Semiárido” como recurso didático no contexto escolar através da mediação”, teve por objetivo geral produzir e experimentar um jogo quebra-cabeça como recurso didático contextualizado que aborda o conceito de espaço geográfico, identificando elementos naturais e socioeconômicos do Semiárido no conceito e sua implicação do processo de ensino-aprendizagem na sala de aula através da mediação. A mesma, foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira, localizado no distrito de Santa Luzia do Cariri no município de Serra Branca – PB, através do pressuposto da pesquisa qualitativa no âmbito da pesquisa-ação. A partir desta pesquisa, foi possível verificar a importância dos recursos didáticos no ensino de Geografia nas escolas do campo sendo estes um facilitador, envolvendo o educando (a) de forma mais próxima da temática levando-o a construção do conhecimento ao entender que esta temática faz parte de sua vida social, cultural e econômica descobrindo que o conhecimento não está longe, mas dentro de si através de suas vivências no campo. Pois, os educandos (as) se interessaram pela disciplina e pela aprendizagem, através da mediação dos recursos didáticos no caso desta pesquisa o jogo pedagógico quebra-cabeça do espaço geográfico do Semiárido, através da contextualização com o Semiárido, mostrou que o espaço de vivência é o primeiro espaço gerador de conhecimento geográfico.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Recursos Didáticos. Jogo Quebra-Cabeça. Educação contextualizada. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

The present research entitled "Production and Experimentation of the Puzzle game of the Semiarid Geographic Space" as a didactic resource in the school context through mediation, The general objective was to produce and try a puzzle game as a contextualized teaching resource that addresses the concept of geographic space, identifying the natural and socioeconomic elements of the semiarid in the concept and its implication in the teaching-learning process in the classroom through mediation. The study was carried out at Maria Balbina Pereira State School of Elementary and Secondary Education, located in Santa Luzia do Cariri district, Serra Branca - PB, through the assumption of qualitative research within the scope of action research. From this research, it was possible to verify the importance of the didactic resources in the teaching of Geography in the schools of the field being these a facilitator, involving the student closer to theme, leading him to the construction of knowledge by understanding that this theme is part of his social, cultural and economic life discovering that knowledge is not far, but within himself through his experiences in the field. For, the students were interested in the discipline and learning, through the mediation of the didactic resources in the case of this research the pedagogical puzzle game of the semiarid geographical space, through contextualization with the Semiarid, it showed that the experience space is the first generator space of geographic knowledge.

Keywords: Geography Teaching. Didactic resources. Puzzle Game. Contextualized Education. Teaching-Learning.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 - Exemplos de Recursos Didáticos p.35
- Quadro 2 - Contribuições Sociocognitivas dos Jogos Educacionais p.36
- Quadro 3 - Estrutura Física p.51
- Quadro 4 - Equipe de Apoio Técnico Administrativo p.53
- Quadro 5 - Corpo Docente p.53
- Quadro 6 - Corpo Discente p.54
- Quadro 7- Regras do Quebra-Cabeça – Espaço Geográfico do Semiárido p.71
- Quadro 8 - Compreensão de Espaço Natural p. 81
- Quadro 9 - Elementos que Formam o Espaço Natural p.82
- Quadro 10 - Compreensão de Espaço Geográfico p.83
- Quadro 11- Constituição do Espaço Geográfico p.84
- Quadro 12- A Compreensão da Diferenciação do Espaço Geográfico p.86
- Quadro 13- Compreensão do Espaço Geográfico do Semiárido. p.87
- Quadro 14- Espaços Geográficos Diferentes p.89

LISTA DE SIGLAS

ASA: Articulação do Semiárido Brasileiro

AGB: Associação dos Geógrafos Brasileiros

CDSA: Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido

DNOCS: Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

EJA: Educação de Jovens e Adultos

EEEFM: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira

FFCL/USP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IRPAA: Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada

PPP: Projeto Político Pedagógico

PDDE: Programa Dinheiro Direto na Escola

PNATE: Programa Nacional de Alimentação Escolar

SUDENE: Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

UFMG: Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE FOTOS

- Foto - 1 Vista frontal da EEEFM. Maria Balbina Pereira p.49
- Foto - 2 e 3 Planejamentos Contexto Acadêmico p.58
- Foto - 4 Planejamento Para Escolha do Tema p.58
- Foto - 5 Questionário Experimental p.62
- Foto - 6 Mediação Pedagógica p.63
- Foto - 7 Escolha das Imagens p.64
- Foto - 8 Imagens Impressas em Formato de Quebra-Cabeça p.67
- Foto - 9 Imagens Impressas em Formato de Quebra-Cabeça p.68
- Foto -10 Cortes das Imagens p.68
- Foto -11 Colagem e Corte no Isopor p.69
- Foto -12 e 13 Montagem do Quebra-Cabeça p.69/70
- Foto -14 Grupo 1 Imagem Area de Lazer na Zona Rural p.72
- Foto -15 Grupo 2 Imagem Agricultura Familiar p.73
- Foto -16 Grupo 3 Imagem da Cidade de Sumé p.73
- Foto -17 Grupo 4 imagens comunidade rural p.73
- Foto -18 Processos de Montagem I p.74
- Foto -19 Processos de Montagem II p.74
- Foto - 20 Processos de Montagem III p.74
- Foto - 21 Momentos das Perguntas – Grupo 1 p.75
- Foto - 22 Momentos das Perguntas – Grupo 2 p.75
- Foto - 23 Finalização das Montagens p.76

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Nova delimitação do Semiárido p.24

Imagem 2 - Representação jogo quebra-cabeça p.37

Imagem 3 - O quebra-cabeças inventado por Spilsbury p.38

Imagem 4 - Area de Lazer na Zona Rural p.65

Imagem 5 - Agricultura Familiar p.65

Imagem 6 - Cidade de Sumé p.66

Imagem 7 - Relação Homem-Natureza p.66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Composição da turma por gênero p.55

Gráfico 02 - Composição da turma por faixa etária p.56

Gráfico 03 - Local de residência dos sujeitos da pesquisa p.57

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ENSINO DE GEOGRAFIA PARA NAS ESCOLAS DO SEMIÁRIDO ATRAVÉS DO JOGO QUEBRA-CABEÇA COMO RECURSO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO.....	17
2.1	Discutindo sobre o ensino de Geografia: da Geografia Tradicional à Geografia Crítica.....	17
2.2	Ensino de Geografia: Uma Educação contextualizada nas escolas do campo.....	23
2.3	O jogo quebra-cabeça como recurso didático contextualizado no ensino de Geografia nas escolas do campo do Semiárido.....	32
3	CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	40
3.1	Importância da pesquisa na Educação.....	40
3.2	Pesquisa Qualitativa.....	41
3.3	Etapas da Pesquisa.....	43
3.3.1	Pesquisa Bibliográfica.....	43
3.3.2	Observação Participante.....	44
3.3.3	Diário de pesquisa/campo.....	45
3.3.4	Questionário.....	46
3.3.5	Pesquisa-Ação.....	47
3.3.6	Análise de dados.....	48
4	PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO JOGO “QUEBRA-CABEÇA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” COMO RECURSO DIDÁTICO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	49
4.1	A Escola.....	49
4.1.1	Estrutura Física.....	51
4.1.2	Recursos Materiais.....	52
4.1.3	Recursos Financeiros.....	52
4.1.4	Recursos Humanos.....	52
4.1.5	Organização da Secretaria Escolar.....	54
4.1.6	Organização da Gestão Escolar: Equipe de Gestão e Coordenação da Escola.....	54
4.1.7	Perfil dos sujeitos pesquisados.....	55
4.1.8	A Produção e Experimentação do Recurso Didático no Contexto Escolar no Âmbito da Pesquisa- Ação.....	57
5	O JOGO QUEBRA-CABEÇA “O ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” COMO RECURSO DIDÁTICO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO.....	78
5.1	A Mediação no Processo de Ensino-Aprendizagem.....	78
5.2	Acompanhamento da Aprendizagem.....	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
	REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia no decorrer do tempo e da história percorrendo por diversas mudanças, passando da Geografia tradicional para a crítica. Como sabemos a Geografia tradicional era disciplina escolar extremamente vinculada a conceitos definitivos na área ambiental. Devido a isso, diversos materiais didáticos forneciam informações meramente descritivas que não tinham nenhuma ligação entre aspectos naturais e sociais, a preocupação do ensino era somente conhecer, ou melhor, “decorar” dados estatísticos, nome de rios, de países, capitais entre outros. Se contrapondo a essa perspectiva temos o surgimento da Geografia crítica sendo está uma corrente que propõe romper com a ideia de neutralidade científica para fazer da Geografia uma ciência a elaborar uma crítica radical à sociedade capitalista pelo estudo do espaço geográfico e das formas de apropriação da natureza.

Sendo estas as correntes do pensamento geográfico que atuam no contexto escolar através do processo de ensino-aprendizagem mediado pelo professor. Podemos pensar e analisar como o ensino de Geografia nas escolas do campo do Semiárido tem sido abordado e, qual corrente do ensino geográfico está mais presente na mediação do conhecimento. Assim, surge em 2016 no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, o projeto de extensão intitulado “Produção de recursos didáticos no ensino de Geografia para as escolas do campo” que tem por objetivo a produção e experimentação de recursos didáticos no ensino de Geografia para as escolas do campo, enfocando a importância de produzir e utilizar recursos didáticos contextualizados no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia nas escolas do campo.

Nesse projeto eu atuei como bolsista em 2018 e como voluntária em 2019. As ações que desenvolvi no decorrer do projeto de extensão, foram mediações e produção de recursos didáticos que contextualizavam os conteúdos dos livros didáticos com a realidade vivida pelos sujeitos, tornando assim as aulas mais atraentes e dinâmicas, além de proporcionar conhecimento. No decorrer da minha participação no projeto de extensão comecei a me interessar mais pela temática do projeto e construir junto com a equipe os seguintes recursos didáticos: o ciclo das

rochas, o climograma e maquetes, assim, começou a despertar um interesse maior por esta disciplina no contexto escolar das escolas do campo.

No decorrer do projeto de extensão observei como os educandos (as) tinham uma maior compreensão dos temas quando eram utilizados recursos didáticos de forma contextualizada e dialogando através da mediação como os conhecimentos dos mesmos. Através das respectivas ações no decorrer do projeto, nos anos que atuei, percebi que este seria o caminho que percorreria para o meu trabalho de pesquisa de TCC, ao compreender que este é se faz tão necessário nas escolas do campo do Semiárido principalmente nas aulas de Geografia.

Outro fato motivador em desenvolver essa pesquisa foi que identifiquei na literatura geográfica e nas escolas conveniadas como o projeto de extensão, a ausência de recursos didáticos contextualizados nas escolas do campo que dialogassem com o Semiárido, como também, a representação do conceito espaço geográfico no livro didático adotado na escola que não dialogava com a realidade no qual os educandos estão inseridos, tornando uma problemática na efetivação da aprendizagem nas aulas de Geografia nas escolas do campo.

Dessa forma a presente pesquisa intitulada “**Produção e Experimentação do jogo “QUEBRA-CABEÇA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” como recurso didático no contexto escolar**”, teve por objetivo geral produzir e experimentar um jogo quebra-cabeça como recurso didático contextualizado que aborda o conceito de espaço geográfico, identificando elementos naturais e socioeconômicos do Semiárido no conceito e sua implicação do processo de ensino-aprendizagem na sala de aula através da mediação.

Como também, os seguintes objetivos específicos:

- Realizar um levantamento bibliográfico sobre: Ensino de Geografia no contexto escolar; Educação para a convivência do Semiárido nas escolas do campo; O jogo como recurso didático contextualizado para as escolas do campo e aprendizagem mediadora.
- Analisar o uso do recurso didático como estratégia didática facilitadora no ensino de Geografia.
- Caracterizar o ambiente escolar, os sujeitos da pesquisa e elaborar uma sequência didática através da mediação.

- Produzir e experimentar na sala de aula um jogo quebra-cabeça contextualizado que tenha como base o tema “ESPAÇO GEOGRÁFICO”.
- Relatar a produção e a experimentação do jogo quebra-cabeça que teve como base o tema “ Espaço Geográfico”. Caracterizando as etapas da mediação pedagógica no âmbito da Pesquisa-Ação no contexto escolar.
- Analisar as possíveis contribuições como o quebra-cabeça potencializou a aprendizagem dos educandos referente ao tema “Espaço Geográfico” através da mediação pedagógica.

Nessa pesquisa foi utilizado o pressuposto da pesquisa qualitativa, através da pesquisa-ação. Os dados coletados foram analisados de forma descritiva e interpretativa uma vez que esta é caracterizada pela observação e correlação de fatos, buscando descrever as características ou relações existentes nas ações realizadas na sala através da Pesquisa-Ação, como também apresentamos através de fotos demonstrando as etapas da intervenção pedagógica em vários momentos e quadros com as respostas dos questionários, aplicados durante a pesquisa.

Ressaltamos que esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa, Educação do Campo e processos de ensino-aprendizagem que tem por objetivo investigações de metodologias, práticas educativas e processos de ensino-aprendizagem voltados para a produção do conhecimento nas escolas do campo. A mesma será apresentada em cinco seções:

Na seção 2 intitulada “Ensino de Geografia para as escolas do Semiárido através do jogo quebra-cabeça como recurso didático contextualizado” foi realizada uma análise histórica sobre o desenvolvimento do ensino de Geografia, destacando as duas maiores vertentes da Geografia sendo elas: a tradicional e a crítica. Também percorremos sobre a importância do Semiárido Brasileiro e, como este no decorrer da história passou pelo processo de exploração e de dominação sendo explorado e estigmatizado, como um lugar de difícil convivência. Ainda nessa seção trouxemos a importância dos jogos pedagógicos como estratégias para a mediação do conhecimento, no caso desta pesquisa o quebra-cabeça onde tivemos um breve relato da origem deste jogo e, a importância dos recursos didáticos contextualizados no ensino e aprendizagem em sala de aula.

Na seção 3 intitulada “Caminhos metodológicos” teve como objetivo mostrar os caminhos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento dessa pesquisa, mostrando a importância da pesquisa na educação e quais os caminhos que devemos seguir para chegar em um resultado significativo, apresentando cada etapa realizada de forma descritiva e interpretativa, e fazendo relação teórica com autores e com o contexto da nossa pesquisa.

Na seção 4 intitulada “Produção e experimentação do jogo “quebra-cabeça do espaço geográfico do Semiárido” como recurso didático no contexto escolar” Esta seção tem por finalidade apresentar as principais características da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira, assim como sua estrutura física, perfil da turma, como também, descrever as etapas da Pesquisa-Ação que foi realizada no contexto acadêmico e no contexto escolar na produção e experimentação do jogo quebra-cabeça do “Espaço Geográfico do Semiárido”

Na seção 5 intitulada “ o jogo quebra-cabeça “o espaço geográfico do semiárido” como recurso didático e sua implicação no processo de ensino-aprendizagem através da mediação” apresenta o acompanhamento da aprendizagem através da mediação, apresentando os resultados dos questionários que foram aplicados na turma do 7º ano que ocorreu em dois momentos. O primeiro momento no início da pesquisa, com o objetivo de coletar informações a respeito da compreensão dos educandos a respeito do tema: O espaço Geográfico. No segundo momento, o mesmo questionário, foi reaplicado com o objetivo de acompanharmos e verificar como o recurso didático através da mediação no caso do jogo quebra-cabeça do “Espaço Geográfico do Semiárido”, potencializou o processo de ensino-aprendizagem dos educandos (as).

E para finalizar, as considerações finais mostrando a importância da pesquisa para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia, através da construção de um recurso didático (o quebra cabeça do espaço geográfico do Semiárido), como também apresentando os objetivos alcançados e os limites enfrentados.

2 ENSINO DE GEOGRAFIA PARA AS ESCOLAS DO SEMIÁRIDO ATRAVÉS DO JOGO QUEBRA-CABEÇA COMO RECURSO DIDÁTICO CONTEXTUALIZADO

Essa seção tem por finalidade realizar uma análise histórica sobre o desenvolvimento do ensino de Geografia, destacando as duas maiores vertentes da Geografia sendo elas: a tradicional e a crítica. Também percorremos sobre a importância do Semiárido Brasileiro e, como este no decorrer da história passou pelo processo de exploração e de dominação sendo explorado e estigmatizado, como um lugar de difícil convivência.

Ainda nessa seção trouxemos a importância dos jogos pedagógicos como estratégias para a mediação do conhecimento, no caso desta pesquisa o quebra-cabeça onde tivemos um breve relato da origem deste jogo e, a importância dos recursos didáticos contextualizados no ensino e aprendizagem em sala de aula.

2.1 Discutindo sobre o ensino de Geografia: da Geografia Tradicional à Geografia Crítica.

Para podermos compreender, o ensino de Geografia, no contexto escolar se faz necessário entender, como esse ensino ocorreu no decorrer da história, destacaremos aqui o surgimento de duas grandes escolas Geográficas, sendo elas: A escola Alemã e a escola Francesa que é grande referência em todo o mundo e, por meio delas surgem duas grandes concepções fundamentais para o ensino de Geografia no decorrer de seu desenvolvimento

De acordo com Moraes (2007) entre o século XVIII e XIX, o ensino de Geografia se tornou fundamental para o desenvolvimento da sociedade, e como o processo de expansão capitalista se utilizou desse conhecimento que se fazia necessário para as classes dominantes.

Até o século XVIII a Ciência Geográfica era caracterizada apenas a relatos de viagens, curiosidades de lugares, estudos dos continentes e o conhecimento dos países. As primeiras sistematizações da Geografia ocorrem na Alemanha, o contexto da passagem do feudalismo para o capitalismo fez com que, se torne

necessário o conhecimento espacial e a organização do espaço e, a apropriação do território entre classes dominantes (CASTROVAGIOVANNI, 2014).

A sistematização da Geografia na Alemanha tem início a partir de dois grandes teóricos sendo eles: Alexandre Von Humboldt¹ e Karl Ritter². As obras de Humboldt e Ritter compõem a Geografia tradicional, os mesmos são considerados como “pais” da Geografia em todo o mundo. Moraes (2007) destaca que:

Deste modo, estes autores criam uma linha de continuidade no pensamento geográfico, até então inexistente. Além disso, cabe ressaltar o papel institucional desempenhado por eles na formação das cátedras dessa disciplina, dando assim a geografia uma cidadania acadêmica. Entre tanto apesar desse peso no pensamento geográfico posterior, não deixam discípulos diretos. Isto e, não formou uma “escola”. Deixam uma influência geral, que será resgatada por todas as “escolas” da Geografia Tradicional (MORAES, 2007, p, 64).

O processo de sistematização da Geografia na Alemanha, a partir de Humboldt e Ritter, se tornou fundamental para as novas formas de elaboração que iriam surgir no decorrer dos anos. Uma nova forma de pensar geografia surge com o geógrafo Alemão Friedrich Ratzel³, após a sistematização de Humboldt e Ritter. A Geografia de Ratzel se torna um instrumento poderoso para Alemanha que tinha como objetivo principal a expansão territorial do estado Alemão que estava em construção. MORAES (2007) nos relata que:

Ratzel vai ser um representante típico do intelectual engajado no projeto estatal; sua obra propõe uma legitimação do expansionismo. Assim, a geografia de Ratzel expressa diretamente um elogio do imperialismo, como ao dizer, por exemplo, “semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna a recompensa da vitória foi sempre um proveito territorial” (MORAES, 2007, p, 69).

¹ Von Alexandre Humboldt geólogo e botânico entendia a geografia como parte terrestre da ciência do cosmo, sua definição do objeto geográfico era a contemplação dos seres matérias que existem na terra.

² Karl Ritter com sua formação em história e filosofia defendia o conceito de sistema natural para ele o ensino de geografia era o estudo dos lugares e sua individualidade

³Friedrich Ratzel (Karlsruhe, 30 de Agosto de 1844 — Ammerland, 9 de Agosto de 1904) foi um geógrafo e etnólogo alemão, notável por ter criado o termo Lebensraum (espaço vital).

Ratzel foi autor de várias concepções, sendo uma delas a mais conhecida como concepção Determinista. A concepção Determinista, afirma que o meio natural tem um papel determinante na maneira em que a sociedade se desenvolve. O estudo geográfico a partir de Ratzel constituiu várias correntes de estudo com questões que abordavam o homem e, como se dava as relações espaciais e territoriais na sociedade (MORAES, 2007).

Na França século XIX, surgiu à escola francesa de Geografia fundada por Paul Vidal De La Blache⁴ que, defendia a concepção possibilista. Para ele a concepção possibilista considerava o homem como o meio que consegue alterar o meio natural coloca o homem como um ser ativo que sofre influência, mas que também participa do processo de transformação a natureza nessa concepção se torna como possibilidades para o homem. Vidal de La Blache propõe um novo método à Geografia, inserindo uma perspectiva histórica e funcional (MORAES, 2007).

As relações homem-meio são encaradas, por essa ótica, com uma abordagem recíproca e harmônica. Além de receber influências de seu ambiente, o homem se apresenta como fator geográfico, transformando a fisionomia da paisagem a partir das possibilidades que cada meio oferece (FABRÍCIO, VITTE, 2011).

Nesse processo de trocas entre homem e natureza proposto por Vidal de La Blache, entendemos a perspectiva da geografia tradicional baseada apenas em compreender a relação Homem x Natureza, e como ocorre o processo de trocas mútuas entre elas. Podemos perceber como a Geografia tradicional se torna apenas uma análise de dados descritivos que não se preocupa com a relação que ocorre entre o capitalismo no processo de exploração Homem x Natureza, para Vidal De La Blaache, o homem depende da natureza e de seus recursos.

Moraes (2007) nos mostra qual era a teoria de Vidal: A teoria de Vidal concebia o homem como hospede antigo de vários pontos da superfície terrestre,

⁴Paul Vidal de La Blache (1845-1918) foi um geógrafo francês e um dos nomes mais lembrados no que se refere à história do pensamento geográfico. Sua obra é bastante reconhecida por ser Fundadora da corrente do pensamento que veio a ser denominada por *Possibilismo*, Vidal também foi considerado o fundador da escola regional francesa.

que em cada lugar se adaptou ao meio que o envolvia, criando no acervo técnicas, hábitos, usos e costumes que lhe permitiram usar os recursos naturais disponíveis.

Com o interesse da classe dominante cada vez maior pelo conhecimento geográfico o século XIX para a Geografia fica marcado com o reconhecimento científico desse ensino. Castrogiovanni (2014) nos diz que: a partir do século XIX a geografia teve sua consolidação como ciência, passando a ter agora caráter científico, quando a partir da década de 1930 foi institucionalizada no ensino superior.

O Ensino de Geografia passa por grandes transformações, com o fim da primeira guerra mundial em 1918 e com o processo de expansão do capitalismo com o surgimento de novas técnicas de produção industrial que, atribuiu a mudanças no processo de urbanização e com a mecanização agrícola para a produção em grande escala para o mercado externo, a população urbana e rural já não era a mesma (CASTROVAGIOVANNI, 2014).

A concepção geográfica de Ratzel e Vidal De La Blache já não era suficiente para explicar o espaço geográfico a partir dessas mudanças no setor econômico que atingiu a sociedade o conceito determinista e possibilista começam a ser questionado. A partir desses questionamentos surge o movimento chamado de “RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA”, que propõe uma nova forma de pensar geografia, eram necessárias novas técnicas de observação do espaço e novas metodologias que pudesse explicar a sociedade e o processo produção capitalista e de industrialização (CASTROGIOVANNI, 2014).

No âmbito do movimento da renovação surge o movimento da Geografia CRÍTICA que tem por finalidade a luta por uma geografia de interesse para as classes mais pobres que não seja influenciada pelo caráter político e econômico e que não sirva as classes dominantes Moraes, (2007).

Um grande influenciador da geografia crítica no contexto mundial, foi o teórico Yves Lacoste, que em fez (1929) é um geógrafo e geopolítico francês. Lançou no início de 1970 a revista Hérodote, que nos últimos trinta anos procurou revelar a face oculta da Geografia, isto é, seu caráter político. Contribui com obras críticas e inovadoras, como *La geografia, ça sert, d'abord, à faire la guerre* ("A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra") para uma discussão do conceito da geografia política e geopolítica, especialmente na França.

Em sua obra Lacoste traz uma Geografia de caráter de denúncia a desigualdade social contidas no espaço, uma forma de pensar geografia que vai além da geografia tradicional nos, leva a uma análise sobre o ensino de geografia e sua real finalidade e qual a ligação desse ensino com a política e, como esse ensino se tornou um instrumento de poder. (LACOSTE, 1988.)

Seguindo a mesma linha de pensamento de Yves Lacoste, destacaremos aqui o Geógrafo Milton Santos que no Brasil se tornou referência mundial, tinha seu trabalho voltado para o trabalho científico e militância política. Após o golpe de 1964 onde foi exilado por 13 anos fez uma análise sobre, qual seria o real sentido do ensino de Geografia no Brasil, após o exílio Milton Santos surge com uma nova forma de ver e, entender o ensino de Geografia. Suas análises se tornaram obras numa perspectiva da Geografia crítica. Andrade (2003) nos traz algumas das principais obras de Milton Santos afirma que:

Para desenvolver todos esses trabalhos, Milton Santos não só utilizou a sua posição de professor titular da USP, como da nossa velha AGB, participando ativamente de reuniões e congressos, e também da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, de que foi o primeiro presidente, além do seu prestígio pessoal. Apesar de atingido por grave doença, continuou trabalhando intensamente, recebendo títulos honoríficos de diversas universidades do País e do exterior e produzindo seus dois últimos livros: *Por Uma Outra Globalização*, onde faz uma análise crítica do fenômeno da globalização, procurando defender a transformação do processo que se desenvolve de forma desumana em um processo humanizado, e uma análise do nosso País; e *Brasil, Território e Sociedade no Início do Século 21*, que ele fez em colaboração com a geógrafa argentina Maria Laura Silveira, sua discípula, no qual procura analisar o Brasil (ANDRADE, 2003, pg.03).

O ensino de Geografia, no Brasil, chega às escolas através dos novos professores licenciados que, trazem o conhecimento geográfico que parte totalmente da influência francesa, pois, os principais teóricos e professores eram franceses, o ensino era voltado apenas para a memorização de conteúdos como; a enumeração de nomes de serra, rios, montanhas ilhas, capitais e cidades. Essa forma de ensino era praticada em todo território europeu que tinha por referencial teórico o francês Vidal de Lablache. Pontuschka (2009), nos mostra como seria essa análise geográfica Lablachiana;

A análise geográfica lablachiana deveria ter os seguintes encaminhamento: observação de campo, indução a partir da paisagem e particularização da área enfocada (traços históricos e naturais), comparação das áreas estudadas e do material levantado e classificação das áreas e dos gêneros de vida em séries de tipos genéticos devendo chegar, no fim, de uma tipologia (PONTUSCHKA, 2009, p. 45).

Após sua consolidação como ciência no Brasil, em 1934 deram-se início as primeiras aulas do curso de geografia que tinha como única formação a graduação. Entre 1934 a 1937 foram criados dois grandes institutos de grande importância para a geografia e geógrafos brasileiros, a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (PONTUSCHKA, 2009).

Com a fundação da primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), logo após deu-se início a formação dos primeiros professores para ensino secundário que, em sua formação foram influenciados pela corrente de ensino francesa que teve como principal referencial teórico o Frances Vidal de LaBlache (PONTUSCHKA, 2009).

No Brasil o ensino de Geografia, passa a ser questionado entre os geógrafos, com o processo de expansão capitalista e com um mundo globalizado os métodos de ensino da geografia tradicional já não eram suficientes para explicar as mudanças ocorridas na sociedade. Para explicar essas mudanças se fazia necessário uma nova forma de se ensinar geografia. (CASTROGIOVANNI, 2014).

Ser professor em meio às mudanças naturais, econômicas, sócias e políticas é de fato desafiador, pois o ensino de geografia trabalha diretamente ligado a essas esferas desde seu início quando o seu saber era utilizado para a agricultura e conhecimento do solo, dos rios, do clima, e no decorrer do tempo para o conhecimento da burguesia e das elites como um ensino de poder para os dominantes.

Ensinar Geografia no contexto escolar se torna um desafio que começa com os conteúdos do livro didático que em sua maioria traz em si o ensino de uma geografia positivista, sem propor uma análise crítica sobre o conteúdo abordado e também o tempo de aula sendo insuficiente para o aprofundamento de temas que vão além da descrição geográfica. Temos ainda a questão dos professores que por falta de recursos didáticos, no ensino de geografia nas escolas se limitam aos

conteúdos descritivos do livro didático este que é muito importante, mas que não pode ser o único meio para construir conhecimento. Castrovagiovanni (2014) nos diz que:

Assim, precisamos analisar se o que ensinamos em geografia é ainda relevante para a construção do conhecimento geográfico e a compreensão da realidade em que estão inseridos os alunos envolvidos nesse processo. Acreditamos que um ensino voltado a análise, e a interpretação e a compreensão do espaço como uma realidade que está sendo construída socialmente contribui para superar a concepção de ensino descritivo e enciclopédica da geografia (SOUZA, 2007, pg,122).

Muito comum no contexto escolar ouvir os alunos perguntarem; professor (a) para que serve aprender sobre relevo, clima, rios? Afinal para que serve a geografia? Várias explicações surgem por parte do professor (a), mas, na verdade o ensino geográfico é mediado de forma tão distante da realidade do aluno que ele não consegue encontrar significado deste ensino na sua vida, ou onde encontrar na sua realidade o tema abordado pelo professor.

SOUZA (2007) diz que a consciência de espaço ou a consciência da “Geografia” do mundo deve ser construída no processo da formação humana, incluindo aí a formação escolar. O ensino de Geografia não se limita apenas a temas descritivos, mas também para formar mentes que possam ter raciocínio crítico diante da realidade em que vivem observando os fatos e acontecimentos no tempo e no espaço em onde estão inseridos, no nosso caso específico, o Semiárido Brasileiro.

2.2 Ensino de Geografia: Uma Educação Contextualizada nas escolas do campo.

A Educação para a convivência com o Semiárido nas escolas do campo, vai além do estudo do clima, relevo e vegetação, é o estudo de uma cultura, de uma identidade, de um povo que, sofreu com o processo de desigualdade social, e da falta de políticas públicas que estivesse de fato comprometida com os interesses da população, da *região* do Semiárido Nordeste.

O Semiárido brasileiro é o maior do mundo em extensão territorial e densidade demográfica. Compreende aproximadamente 80% do território do Nordeste

brasileiro e abrange parte dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, mais o Norte de Minas Gerais e Espírito Santo e Leste do Maranhão. A semiárida área total que abrange cerca de 1,03 milhão de km. O que corresponde a um percentual de 12% do território brasileiro e onde se situam 30 milhões de habitantes, distribuídos em 1262 municípios. Segundo informação divulgada pelo Ministério da Integração Nacional por meio da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, sendo aproximadamente 61,97% na área urbana e cerca de 38,03% no espaço rural (IBGE, 2010).

Imagem – 1 Nova delimitação do Semiárido



Fonte: <https://mundogeo.com/blog/2017/11/29/disponivel-a-nova-delimitacao-do-semiarido-brasileiro-veja-o-que-muda/>. Acesso em 15 Jul. 2019.

A região do Semiárido é caracterizada pela irregularidade das chuvas, pela precipitação anual menor que 800 milímetros e pela evapotranspiração, em média, três vezes maior que a precipitação, como também o cristalino, um tipo de solo caracterizado pela existência de rochas que impendem a retenção da água. (SOUZA, 2005).

A vegetação do Semiárido é a caatinga, que tem grande biodiversidade de plantas, que se adaptam facilmente as condições climáticas da região principalmente com a falta de precipitações, sendo algumas delas: pinhão, catolé,

marmeleiro, carnaúba, bromélias, babosa, juazeiro, umbuzeiro, e tantas outras, sendo desde a vegetação rasteira, até as árvores de maior altitude. Nos períodos de estiagem a vegetação fica seca a folhagem cai ficando com um aspecto paisagístico semelhante a um de um deserto, mas com as primeiras precipitações a vegetação volta a ficar verde. Malvezzi, (2007), define de forma mais ampla o bioma caatinga e destaca que:

A cobertura vegetal do Semi-Árido é a caatinga. No período chuvoso ela fica verde e florida. Abriga uma das maiores biodiversidades brasileiras de insetos, inclusive a abelha, o que a torna muito favorável para a produção de mel. Entretanto, no período normal de estiagem, ela hiberna, fica seca, adquire uma aparência parda; daí o nome caatinga, expressão indígena que quer dizer “mata branca”. Mas não está morta. Quando a chuva retorna, acontece uma espécie de ressurreição: o que parecia morto ressuscita; o que estava seco volta a ser verde. Parece que a vida brota do nada. Na verdade, o Semi-Árido tem apenas duas estações: a das chuvas e a sem chuvas (MALVEZZI, 2007, p.10).

A hidrografia do Semiárido depende da quantidade precipitações durante o período chuvoso, pois parte os rios desta região ficam secos no período de estiagem, em sua maioria no final do seu decurso chegam ao mar, chamamos esse processo de rios temporários pois só existe água nos períodos de chuvas nesta região. Aziz Ab`Sabér (2003) destaque que:

Todos os rios do Nordeste, em algum tempo do ano, chegam ao mar. Essa é uma das maiores originalidades dos sistemas hidrográficos e hidrológicos regionais. Ao contrário de outras regiões semiáridas do mundo, em que rios e bacias hidrográficas convergem para depressões fechadas, os cursos d'água nordestinos, apesar de serem intermitentes periódicos, chegam ao Atlântico pelas mais diversas trajetórias. [...]. Ao contrário do que acontece em todas as áreas úmidas do Brasil- onde os rios sobrevivem aos longos períodos de estiagem, devido à grande carga de água economizada nos lençóis subsuperficiais – no Nordeste seco o lençol se afunda e resseca e os rios passam a alimentar o lençol. Todos eles secam desde suas cabeceiras até perto da costa. Os rios extravasaram, os rios desapareceram, a drenagem “cortou”. Nessas circunstâncias, o povo descobriu um modo de utilizar o leito arenoso, que possui água por baixo das areias de seu leito seco, capaz fornecer água para fins domésticos e dar suporte para culturas de vazantes (AZIZ AB`SABÉR, 2003, p. 85).

Uma das características da região do Semiárido são os longos períodos de estiagem, esse fenômeno climático da região Semiárida, por ter longos períodos de estiagem, ocasionou períodos de seca nesta região e, despertou na mídia e na sociedade brasileira uma imagem negativa do semiárido como um lugar que não produz, onde a miséria e, a fome se tornaram símbolos do semiárido Nordestino no imaginário da população das outras regiões do Brasil. Por estes motivos durante muito tempo se ouviu falar no combate à seca, nesta região esse discurso ocorre a partir dessa imagem negativa que se formou do semiárido que ocorreu no período de 1877 a 1879. Souza (2005), nos mostra quais medidas foram tomadas com relação a seca nesse período:

A chamada grande seca, no período de 1877 a 1879, consolidou definitivamente a região como miserável, produzindo uma cultura assistencialista e de dependência das comunidades em relação ao poder público. Desde aí, e durante todo o século XX, as medidas criadas pelo governo giraram em torno da "emergência", do combate e da assistência, como a criação do Dnocs (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca) e, num período mais recente, a Sudene (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste), todos com a insistente missão de acabar com a seca e com a escassez de na região por meio de medidas "combativas" (SOUZA, 2005, p.20).

Estas ações se tornaram manobras nas mãos dos políticos da época que, se utilizavam destas para se manterem no poder político, ou seja, a troca de favores entre a grade elite da época representados pelos grandes latifundiários e coronéis, que faziam articulações políticas para serem beneficiados controlando os investimentos financeiros, sem prestar nenhuma assistência a população atingida pela seca.

Destacamos aqui a região Semiárida do Nordeste, onde grandes secas ocorreram e, com elas o sofrimento dos camponeses e camponesas que foram vítimas do processo de exploração de mão de obra barata e, desvios de recursos para os coronéis que, se utilizaram das secas para manter seu poder sobre os camponeses, se beneficiando de mão de obra barata. Sabendo que os camponeses não tinham para onde ir, não tinham como fugir da seca, dependiam totalmente do

trabalho nas grandes fazendas e das frentes de emergência. Surgia assim a indústrias das secas (FAUSTO, 2006).

O fenômeno climático das secas sempre tivemos e, sempre teremos esse é, um fenômeno natural da região Semiárida, o maior sofrimento do camponês foram os políticos e políticas públicas que começaram a utilizar o discurso das secas para se beneficiarem desviando verbas, para os grandes latifundiários e coronéis que, em troca se comprometiam em arrecadar votos dos camponeses desta forma aconteceria a troca de favores ou clientelismo.

Fausto (2006) nos mostra que, o coronelismo representou uma variante de uma relação sociopolítica mais geral – o clientelismo existente tanto no campo quanto nas cidades. Essa relação resultava da desigualdade social, da impossibilidade de os cidadãos efetivarem seus direitos, da precariedade ou existência de serviços assistenciais do Estado. Todos os Estados da região do Semiárido, sofreram com tais práticas, que provocaram diversas revoltas entre os camponeses sendo uma delas a revolta de Canudos no sertão da Bahia, considerada uma das maiores revoltas camponesas onde iniciaram a luta armada contra os militares em defesa do arraial e do direito pela terra.

Em 1893, liderada por Antônio Conselheiro, nascido no Ceará, filho de um comerciante que pretendia fazer dele um padre, depois de ter problemas financeiros e complicações domésticas, exerceu várias profissões, como professor e vendedor ambulante até converte – se em beato. Em uma fazenda abandonada, dar – se início ao arraial de canudos, onde muitos nordestinos se uniam para sobreviver das grandes secas e do trabalho escravo nas mãos das grandes fazendas e do mandonismo dos coronéis. O povoado de canudos foi um dos maiores movimentos de luta e resistência dos camponeses (FAUSTO, 2006).

Vários movimentos ligados ao messianismo começaram a surgir na região do semiárido, o messianismo são movimentos ligados à igreja católica que surge a partir da ideia do cristo como redentor, e libertador do sofrimento do povo, foram inúmeras as revoltas camponesas em todo o território do Semiárido Nordeste. Em decorrência das secas e do mandonismo do coronelismo e da falta de políticas públicas nesta região vários camponeses abandoaram suas terras e o trabalho nas grandes fazendas.

O destino desses camponeses era a migração para outros estados do Brasil em um primeiro momento para a região Amazônica em um segundo momento para

região Sudeste, a procura de melhores condições de vida. De acordo com Ab'Sáber (2003):

A grande região Nordeste seco passou a desempenhar o papel histórico e dramático de fornecer mão de obra barata e pouco exigente para um grande número de áreas polos de trabalho do país. Para os seringais da Amazônia, desde fins do século passado até o início do atual; para São Paulo, desde a década de 1930, sobretudo da Revolução Constitucionalista (AB'SÁBER, 2003, p.93).

Esse processo de migração, gerou um crescimento desordenado da população nos centros urbanos e periféricos causando a falta de infraestrutura nas grandes cidades que não estavam preparadas para receber os camponeses, que foram fundamentais para a construção das grandes cidades pois eram mão de obra barata para a construção das cidades, e construções de estradas.

Em 1877 a 1879, a grande seca ocorrida nestes anos consolidou a política de assistencialismo e a dependência da população a estas políticas emergenciais, a partir daí todas as políticas públicas giravam em torno das grandes emergências de combate à seca, desta forma o camponês já não conseguia ver a região Semiárida como um lugar em que se pudesse viver com qualidade de vida e, incapaz de se produzir, a partir dessa imagem negativa que foi sendo formada, desta forma os políticos da época se beneficiaram da situação para dar assistência alimentícia e do abastecimento de água em troca de votos para se manterem no poder.

Se contrapondo a esse discurso de combate à seca e, contra a política de assistencialismo surge vários movimentos sociais e ONG em sua maioria ligadas a igreja católica entre eles, o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), que tinha como objetivo mostrar aos camponeses uma nova forma de ver e conviver com o semiárido, mostrando que não basta somente construir grandes açudes ou dar alimentos para combater as secas mas seria fundamental criar novas técnicas estudos mais aprofundados para a prender a conviver com a seca e não combatê-la pois faz parte de um fenômeno climático, mais seria possível a convivência com o meio (MALVEZZI, 2007,pg147).

Desta forma a Educação para a convivência com o Semiárido se torna fundamental para uma nova forma de ver e perceber o Semiárido, como uma região

com potencial e possibilidades. A Educação para a convivência com o semiárido, acontece a partir de novas técnicas, novas alternativas de se conviver com as condições climáticas dessa região uma nova forma de produção, que não se limitasse apenas ao período de plantio e de manejo com a terra. Esse processo de conscientização de convivência deu-se início primeiramente com os pequenos agricultores e agricultoras junto as comunidades do campo (SOUZA, 2005). A indústria das secas deixou diversas marcas no Semiárido, sendo em um primeiro momento: o trabalho escravo nas grandes fazendas. Segundo momento: as políticas públicas de assistencialismo, E terceiro momento as migrações para as regiões Sul e Sudeste para o trabalho nas construções de estradas e nas grandes construções, em busca de qualidade de vida. Ao observamos o contexto histórico do Semiárido podemos entender como foi explorada essa região, carrega em si um processo de desigualdade e descaso das políticas públicas com os camponeses e camponesas.

A Educação para a convivência com o semiárido, parte a partir de uma nova forma de ver o Semiárido, como um lugar de identidade, onde sua cultura seja valorizada e reconhecida onde a história dos povos que aqui viveram seja conhecida por aqueles que vivem no Semiárido, mas que ainda não conhecem sua própria história. Segundo Lins (2016), o sentimento de pertencimento a um lugar, a uma cultura significa conhecer e viver sua própria história, sua própria cultura, mesmo porque, numa compreensão mais ampla somos formados pelo que é local, como também pelo que é universal, global.

Pensar no Semiárido é também pensar na nossa história, entender sobre como se deu o processo de formação dos povos que nele habita, as relações de poder, as relações sociais e a relação com o bioma caatinga. Os primeiros habitantes da região do Semiárido, foram os povos indígenas, que foram terrivelmente dizimados e escravizados, os que se rebelavam eram mortos.

O processo de invasão da região Semiárida acontece pelas margens do Rio Paraíba, a partir de aí dar-se início o processo de colonização nessa região. No processo de colonização e exploração que ocorreu no semiárido, também foram cruelmente escravizados e, dizimados os povos africanos que assim como os povos indígenas também resistiram a esse processo de dominação e perda forçada de sua cultura e de sua identidade. Lins et al (2006) destaca que:

A cultura dos primeiros habitantes deste espaço foi brutalmente dizimada, ao passo que uma cultura dominante se instalava sem considerar, muitas vezes, as particularidades de um contexto climático, geográfico encontrado. Os africanos, por outro lado foram trazidos para cá num processo desumano, onde antes de serem deportados, teriam que dar uma volta em torno de uma árvore (a do esquecimento), simbolizando o esquecimento de sua história, de sua cultura, de sua terra, para que chegassem aqui bem-humorados e não constranger com energias negativas seus senhores (LINS et al,2006, p136).

A Educação para a convivência com o Semiárido passa ser fundamental para os sujeitos que nela vivem sendo eles: camponeses e camponesas, e população urbana, que precisam entender de forma mais aprofundada todo o contexto de descaso e exploração, que carrega o seu território e sua cultura, e identidade trazendo em sua história marcas de exploração. Essa educação passa a partir da luta pela terra, e também a partir de novas práticas de manejo e de uso da água, técnicas de manejo, como também um estudo da história e da formação inicial dessa região.

A Educação para a Convivência com o Semiárido, tem desenvolvido diversas experiências a partir de novas práticas no manejo da água, como também na forma de captação desta. Sabemos que durante muitos anos a água assim como a terra eram sinal de poder nas mãos daqueles que a detinham. No semiárido temos várias experiências desenvolvidas que transformou a vida no campo, para uma melhor qualidade de vida, uma dessas transformações foi a criação das cisternas, desenvolvido pela Articulação do Semiárido Brasileiro – (ASA). As práticas educativas que surgem para uma nova forma de ver o Semiárido como uma região de potencial capaz de produzir e de conviver com o bioma e com o clima. Braga (2007), nos mostra que:

Trata-se de experiências educativas no campo da agricultura familiar, como as cisternas de placas, que constituem uma tecnologia de captação de água de chuva bastante utilizada nas comunidades e que resultou no “ Programa Um Milhão de Cisternas”, desenvolvido pela Articulação do Semiárido Brasileiro; a barragem subterrânea, forma simples de armazenamento de água da chuva, a criação de caprinos, apicultura, manejo da caatinga, manejo agroflorestal e sustentado de culturas e outros (BRAGA, 2007, p.30).

Essas novas práticas de convivência com o semiárido, refletem diretamente no camponês, facilitando sua convivência com o Semiárido e com o fator climático dessa região. O processo de educação para a convivência com o semiárido deveria ser uma prioridade do sistema educacional nessa região, crianças adolescentes e jovens deveriam aprender na escola a importância e a potencialidades do seu bioma, região, cultura, geradores de uma identidade.

Sabemos a importância destas novas práticas educativas que está transformando o Semiárido e assim também transformando as mentes dos que nele habita, retirando de suas mentes o discurso que ocorreu durante anos onde afirmava que o semiárido seria uma região impossível de se viver e conviver (LIMA, 2010).

A escola é hoje reconhecida como formadora de conhecimentos mas sabemos que nossos currículos ainda não tem uma abordagem voltada para o Semiárido suas potencialidades sabemos que os livros didáticos utilizados trazem apenas uma visão superficial desta região apresentando apenas o fator climático como negativo e gerador da fome, miséria e seca.

Segundo Mattos e Kuster (2004), a educação desenvolvida no Semiárido é construída sobre valores e concepções e equivocadas sobre a realidade da região. Uma educação que reduz em seu currículo uma ideologia carregada de preconceitos e estereótipos que reforçam a representação do Semiárido como espaço de pobreza, miséria e improdutividade. Por este motivo o ensino de Geografia para as escolas do campo, se torna fundamental no processo de desmitificação do currículo, a partir do ensino contextualizado que visa uma educação voltada a partir da realidade do educando (a) tornado sujeito conscientes de seus direitos. Nacelice (2009), nos mostra a importância do ensino de Geografia destacando que:

Ensinar e estudar Geografia é necessário a ampliação e produção do conhecimento e esse processo visa a realização do educando, assim como do educador, enquanto cidadãos plenos, conscientes dos seus direitos e deveres, capazes de se apropriar do conhecimento produzido para a construção de uma identidade regional. Cabe ao educador implementar um ensino e aprendizagem que tenha como meta estabelecer a explicação do mundo, assim como resultado do “olhar” espacial (NARCELICE, et al, 2009, pg 109).

O ensino de Geografia para as escolas do campo tem grande desafio, pois este precisa ir além da descrição de aspectos físicos da Geografia é levar o

educando (a) a perceber os aspectos geográficos que o rodeia, para que possa entender que o ensino de Geografia é o estudo da vida e dos sujeitos principalmente a sua vida, compreendendo que ela está em todos os lugares e espaços onde ele está inserido. Diante desse pensamento Oliveira (2019), desta que:

Assim, o ensino de Geografia deve implementar uma Educação do Campo estruturada a partir das especificidades do Semiárido, vinculada aos sujeitos sociais que dela fazem parte, isto é, numa relação socioespacial que amplia a visão Geográfica do espaço. Nesse sentido, a concepção de Educação do Campo no Semiárido deve ser vinculada à realidade dos sujeitos, á que tem a terra, o campo, o ambiente rural, e também o urbano como espaço de cidadania dos seus habitantes, mas com a clareza da diversidade e das especificidades de cada espaço/lugar/região como parte de uma totalidade dialética (OLIVEIRA, 2019. pg.30).

Pensar o ensino de Geografia para Educação e convivência com o Semiárido é, buscar entender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos em suas vivencias no cotidiano e como acontece esse ensino informal, compreendendo que todo o sujeito do campo carrega em si um conhecimento prévio que se é passado de geração em geração, formador de uma cultura e de uma identidade.

2.3 O jogo quebra-cabeça como recurso didático contextualizado no ensino de Geografia nas escolas do campo do Semiárido.

No processo de ensino-aprendizagem, nas aulas de Geografia nas escolas do campo do Semiárido, a contextualização é fundamental principalmente quando se trata do Semiárido, tendo em vista todo o preconceito⁵ que ocorre sobre esta região. Assim, o ensino de Geografia de forma contextualizada se torna fundamental para uma nova forma de ver e perceber o Semiárido, os conteúdos abordados pelo

⁵ Preconceitos e estereótipos que reforçam a representação do Semiárido como espaço de pobreza, miséria e improdutividade.

ensino de Geografia de forma contextualizada possibilita ao educando uma visão de semiárido com potencial produtivo e viável para se viver.

Sabemos que os livros didáticos trazem conteúdos de forma que não contempla as especificidades de cada cultura e sua realidade local ou regional, em sua maioria focam com mais intensidade na região sudeste. Atualmente temos um currículo que não faz relação com a vida do educando, ainda temos em nossos currículos grande influência da educação europeia baseada em valores e homogeneização do conhecimento sendo estes, reflexos do processo de colonização que teve seus princípios educacionais baseados na educação jesuíta sendo estes os pioneiros no processo de educação no Brasil. Lins (2007), nos mostra que:

Os processos de inclusão e exclusão cultural estão relacionados às questões dos conteúdos corporificados no currículo, um “conhecimento oficial”, expressado do ponto de vista de grupos socialmente dominante. Outra questão é que os aspectos colonizadores têm dificultado a expressão das singularidades cultural, uma vez que atuam numa perspectiva homogeneizante, respaldando uma cultura em detrimento de tantas outras, e tem sido base de uma educação descontextualizada, que vem ao longo desses anos representando imagens negativas de diversas culturas que fazem um contexto (LINS, 2007, pg.67).

É nessa perspectiva que podemos compreender como a educação contextualizada se torna fundamental para a desmistificação do Semiárido como sendo uma região seca, onde a fome e a miséria predominam, desta forma a contextualização nos leva a entender o local de vivências do cotidiano como um lugar de saberes e aprendizados, onde o conhecimento se faz presente. Souza (2005), relata que:

A contextualização do currículo é a possibilidade de criar significado para aquilo que se vivencia na escola. Esse significado, por sua vez, só é construído quando os sujeitos do processo são trocados, de alguma forma, pela informação que lhe é apresentada, relacionando – a, imediatamente, a algo á conhecido, ou vivido ou intencionado. A nova informação soma-se a outras que o sujeito já trás, delas resultando uma compreensão mais ampliada e integrada (SOUZA, 2005, pg.106).

Nesse contexto podemos compreender a importância do ensino de Geografia de forma contextualizada para as escolas do campo do Semiárido, que tem como objetivo mostrar todo o potencial existente no Semiárido, seu valor cultural, suas riquezas naturais sua vegetação, hidrografia, todos os seus valores mostrando que o campo da região do semiárido é lugar de conhecimento e de resistência, por isso um currículo que carrega praticas contextualizadas fortalece a identidade dos sujeitos do campo, a contextualização se tornam fundamental no âmbito escolar onde educação formal e não formal dialogam entre si. Oliveira (2019), ressalta que o ensino de Geografia de forma contextualizada:

Deve mostrar aos povos do campo, habitantes dessa região, que eles são seres concretos e, conseqüentemente construtores da realidade socioespacial em que estão inseridos e intercalados aos fatores **naturais** (clima, hidrografia, vegetação, fauna e solos) **socioculturais** (população, cultura, festividades, musicas, religião, saúde, educação, desejos, etc.) e **econômicos** (produção, tecnologia, comércio, atividade agrícola, processos de industrialização, consumidor) (OLIVEIRA, 2019, pg. 27).

A educação nas escolas do campo do Semiárido enfrenta grandes barreiras sendo uma delas a falta de contextualização dos temas abordados pelo livro didático com a realidade do educando do campo, o conteúdo não soma em nada com suas práticas do cotidiano, desta forma o educando não encontra significado algum no ensino escolar. De acordo com Oliveira (2019):

Para desenvolver um ensino de Geografia contextualizado nas escolas do Semiárido é preciso pensar e propor caminhos que discutam a situação das populações que vivem no campo do Semiárido Brasileiro hoje. Para isso é preciso se realizar, em sala de aula, uma discussão dos problemas que afetam cada comunidade camponesa, sendo que o próximo passo pode consistir em tentativas de conhecimento do espaço concreto da vida dessas comunidades e de suas relações com outros lugares e instâncias, tanto próximas quanto distantes (OLIVEIRA, 2019, pg. 27).

A partir destas inquietações causadas pela ausência de um ensino contextualizado para as escolas do campo do Semiárido, os recursos didáticos para o ensino de Geografia de forma contextualizada, auxiliam na mediação do conhecimento tornando este ensino mais próximo da realidade do campo.

No processo de ensino-aprendizagem, se fazem presentes os recursos didáticos, principalmente na vida dos professores e professoras que se utilizam destes para a mediação do conhecimento. Os recursos didáticos são auxiliares e facilitadores no processo de ensino-aprendizagem, sendo estes, lousa e livro didático sendo estes os mais utilizados em sala de aula. De acordo com Piletti (2006), são considerados recursos didáticos: Os livros, os mapas, os objetos físicos, as fotografias, utilização de músicas, filmes, jogos, cartazes, os recursos naturais e assim por diante. Nesse sentido Souza (2007) diz que:

Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino – aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos. Os recursos didáticos compreendem uma diversidade de instrumentos e métodos pedagógicos que são utilizados como suporte experimental no desenvolvimento das aulas e na organização do processo de ensino e de aprendizagem (SOUZA, 2007, pg. 111).

O recurso didático se torna um instrumento fundamental para a mediação dos conteúdos abordados pelo livro didático principalmente quando contextualizam com a realidade local e regional do educando tornando o conhecimento de forma mais compreensível e interessante para o educando.

Piletti (2006), nos mostra os principais objetivos dos recursos didáticos que, usados de maneira adequada colaboram a motivar e despertar o interesse dos alunos, favorece o desenvolvimento da capacidade de observação aproxima o aluno da realidade.

Piletti (2006), classifica no quadro 2 os recursos didáticos em três categorias, o quadro abaixo nos traz de forma mais ampla essa classificação.

Quadro 1- Exemplos de recursos didáticos

Recursos Visuais	Recursos Auditivos	Recursos Audiovisuais
Projeções	Rádio	Gravações
Cartazes	Gravações	Televisão
Gravuras		

Fonte: Piletti (2006)

Como podemos perceber os recursos didáticos são diversos, temos também como recurso didático o uso de jogos (pedagógicos) que trazem de forma mais lúdica

e atrativa os conteúdos abordados pelo professor (a) em sala de aula. Sendo jogo uma forma divertida e alegre no processo de aprendizagem, levando a interação entre os educandos. Segundo Brenda, (2018):

O uso de jogos, como um recurso didático para o processo de ensino e aprendizagem, torna – se um material atrativo, pois permite o despertar da curiosidade e instiga a vontade de aprender de forma prazerosa. Combinado com outros recursos, como aulas, trabalhos de campo e leituras, o jogo pode ser mais uma alternativa, porque possibilita ao aluno, por meio de regras e métodos, descobrir por si mesmo a descoberta, o conhecimento e dinamizar a aula, á que o jogo é uma atividade “pelo prazer”. Não é só o conteúdo ou habilidade inserida no jogo, mas também um instrumento de socialização, trabalhando valores, como moral, respeito às regras e ao outro (BRENDA, 2018, pg. 27).

A contribuição do jogo (pedagógico) como recurso didático no ensino de Geografia de forma contextualizada nas escolas do campo do Semiárido, e de suma importância, sendo este um novo caminho metodológico nas mãos do professor que em contra dificuldades na elaboração de uma nova dinâmica em suas aulas, atualmente temos algumas escolas no Semiárido que não existe recursos didáticos na disciplina de Geografia, sendo o livro didático, e lousa os recursos mais utilizados nas escolas, mas nem sempre de forma contextualizada. Pensando no jogo (pedagógico) como recurso didático no ensino de Geografia, a autora Brenda (2018), nos mostra no quadro 2 algumas das contribuições sociocognitivas dos jogos educacionais:

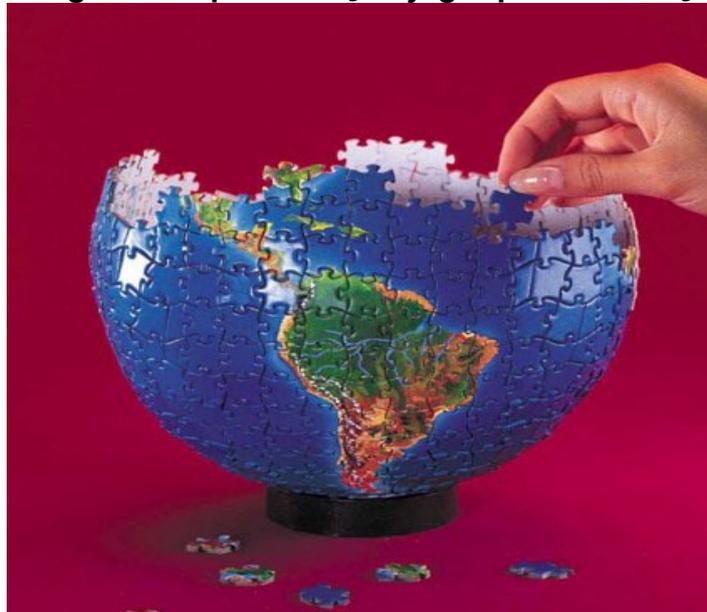
Quadro 2- Contribuições sociocognitivas dos jogos educacionais

- Auxiliam na motivação e na criatividade;
- Favorecem a aprendizagem ativa e por descobrimento;
- Contribuem para a tomada decisões e resoluções de problemas;
- Permite adaptar o ritmo de aprendizagem com cada aluno;
- Modificam a relação professor- educando e educando – educando;
- Criam situações emocionais inerentes a vida (ganhar e perder);
- Desenvolvem a sociabilidade, a comunicação e a negociação;
- Estimulam o trabalho em equipe, incentivando o respeito às pessoas e a importância de regras;
- Simplificam e simulam situações problemas “reais”;
- Resgatam conhecimentos e estimulam a aquisição de novos conhecimentos;
- Permitem integrar conteúdo específicos e temas transversais do currículo;

Fonte:(BRENDA, 2018, p. 28)

Pensando no jogo como recurso didático no ensino de Geografia para as escolas do campo do Semiárido, trabalhar o jogo quebra-cabeça é uma forma metodológica de permitir e interagir com os aspectos que compõem o espaço Geográfico do educando e seus aspectos naturais e socioculturais, diversas são as imagens que dão origem a construção do quebra-cabeça a imagem abaixo nos traz uma representação deste jogo como recurso didático pedagógico e também como um passatempo.

Imagem 2- representação jogo quebra-cabeça



Fonte: <https://culturapopnaweb.wordpress.com/2012/12/28/como-surgiu-o-quebra-cabecas/#jp-carousel-1178>

O quebra-cabeça tem sua origem voltada à para o ensino de Geografia desde de sua criação pelo cartógrafo inglês John Spilsbury. Guaraldo (2012), nos mostra o surgimento desse novo método de ensino e aprendizagem a partir do cartógrafo John Spilsbury:

O cartógrafo inglês **John Spilsbury** comumente recebe o crédito por ter inventado o quebra-cabeças. Por volta de 1760, com o objetivo de ajudar as crianças a aprender mais sobre geografia, Spilsbury colocou **mapas sobre finas placas de madeira** e, com um estilete, recortou os países em suas fronteiras, originando várias peças. Com esse novo método, as crianças aprendiam a identificar os países e sua localização enquanto se divertiam (GUARALDO, 2012?).

A imagem abaixo nos mostra o primeiro quebra-cabeça construído pelo cartógrafo John Spilsbury, que parte do princípio educativo sendo o jogo um recurso didático utilizado na época visando a interação entre os educandos.

Imagem 3 - O quebra-cabeças inventado por Spilsbury



Fonte: <https://culturapopnaweb.wordpress.com/2012/12/28/como-surgiu-o-quebra-cabecas/#jp-carousel-1178>

A criação do quebra-cabeça foi um grande sucesso e, em 1820, se tornaram um dos principais brinquedos didáticos e rapidamente se tornaram um dos mais interessantes passatempos da população entre todas as idades, desde de então surgiu quebra-cabeça de todos os tipos de gravuras e pinturas, além do objetivo voltado para o contexto educacional agora também passa a ser o divertimento e como forma de passatempo Guaraldo (2012), nos fala:

O passatempo teve dois grandes 'boom' de popularidade: o primeiro entre 1907 e 1910, quando os artesãos aumentaram a produção de quebra-cabeças ao notarem que ele poderia ser uma grande fonte de renda. O segundo ocorreu no início de 1930 pois, com a Grande Depressão de 1929, o jogo se tornou uma válvula de escape para as pessoas esquecerem seus problemas e dificuldades financeiras,

mesmo que apenas momentaneamente. Nesta época, as pessoas montavam quebra-cabeças para ter a sensação de satisfação e realização. E a procura era tanta que livrarias e farmácias passaram a até mesmo alugar quebra-cabeças a um custo de 10 centavos de dólar por dia (GUARALDO, 2012?).

Desta forma podemos compreender a importância do jogo-quebra cabeça no contexto educacional e no processo de ensino-aprendizagem, além das várias habilidades que são trabalhadas no decorrer deste jogo são elas: noção espacial, desenvolvimento cognitivo, visual, social, coordenação motora, raciocínio lógico, criatividade, imaginação, percepção, paciência. (GUARALDO, 2012?).

Nesse tipo de jogo, o raciocínio é bem mais importante que a agilidade e a força física. Os quebra-cabeças são normalmente usados como passatempo além de ser um excelente jogo na construção do conhecimento. Nessa perspectiva o jogo quebra-cabeça é um importante recurso didático para a mediação do conhecimento de forma contextualizada, desde sua criação o jogo quebra-cabeça já tinha sua função voltada para aprendizagem do conhecimento de forma que facilitasse a compreensão dos educandos estimulando-os ao aprendizado de forma mais prazerosa e divertida.

Fabrizio Guaraldo (2012), destaca que no processo de formação educacional de uma criança, o quebra-cabeças cumpre um papel fundamental no seu processo de desenvolvimento cognitivo e social, funcionando de maneira eficaz na sua aprendizagem.

Compreendendo a importância do quebra-cabeça como recurso didático no ensino de geografia de forma contextualizada desta forma o jogo se torna significativo além de ser uma forma divertida de aprender, o conteúdo abordado traz aspectos da vida do cotidiano do educando e do espaço Geográfico em ele convive. Assim, propomos a construção do jogo quebra-cabeça do espaço geográfico do Semiárido, no qual traz imagens que relacionam o conceito de espaço geográfico a luz das teorias geográficas com o espaço geográfico do Semiárido no âmbito local do qual a escola está localizada.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Essa seção tem objetivos mostrar os caminhos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento dessa pesquisa, mostrando a importância da pesquisa na educação e quais os caminhos que devemos seguir para chegar em um resultado significativo, apresentando cada etapa realizada de forma descritiva e interpretativa, e fazendo relação teórica com autores e com o contexto da nossa pesquisa.

3.1 Importância da pesquisa na Educação

É essencial preparar os educandos para ter consciência ao tomar decisões na vida, tendo consciência de seus deveres na sociedade e, sua importância como sujeitos que vivem de políticas públicas principalmente no âmbito educacional onde são atingidos diretamente por políticas educacionais que nem sempre são voltadas para a formação da vida em sociedade.

Nessa perspectiva podemos entender a importância da pesquisa na educação como sendo fundamental na vida dos sujeitos sendo estes não só os educandos, mas todos aqueles que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Assim, Gil (2008) nos traz a definição de pesquisa como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico tendo como objetivo fundamental da pesquisa descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos.

O educar através da pesquisa promove a (ré) construção do conhecimento, possibilitando aprendizados que superam a mera reprodução de informações e conteúdos escolares. A pesquisa na educação está diretamente ligada ao processo de busca de respostas diante de problemas vivenciados por todos os profissionais que atuam no contexto educacional.

A realidade educacional nos leva a análises constantes sobre as práticas de ensino na educação, desta forma podemos nos perguntar qual o real sentido de temas abordados diariamente em sala de aula, e se esses conteúdos têm sentido e significado no contexto educacional e na vida dos educandos. A partir da pesquisa temos a possibilidade de manter um diálogo entre o saber formal e informal

compreendendo que o saber científico parte do saber das vivências do cotidiano sendo este ao mesmo tempo o objeto de investigação possibilitando novas práticas no contexto educacional, que possa possibilitar uma reflexão crítica, diante do contexto social em que estão inseridos (RICHARDSON,2009).

Sendo assim, notamos que quando os professores (a) pesquisam a sua prática pedagógica, além de possibilitar uma maior proporção dos saberes que são mediados em sala de aula, faz com que os educandos costuram uma visão mais ampla sobre o espaço social em que vivem, ou seja a pesquisa possibilita que estes educandos compreendam a realidade da sua comunidade a partir de novas perspectivas e com novas possibilidades de vivências e convivências.

De acordo com Marconi e Lakatos (2011) existem vários tipos de pesquisa, a escolha dela será de acordo com o objeto de estudo do pesquisador. A nossa pesquisa é importante porque através da produção do (Jogo quebra-cabeça), que traz em suas ilustrações aspectos da região do Semiárido, possibilitando os educandos a perceberem o espaço Geográfico do Semiárido Brasileiro como lugar de vivências de aprendizagens, visualizando nesse espaço sua potencialidade, geradora de uma identidade cultural e regional.

3.2 Pesquisa Qualitativa

Segundo Richardson (2009), a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medida e quantidades quantitativas. Ghedim, Evandro (2011), nos fala sobre o surgimento da pesquisa qualitativa afirmando que:

A pesquisa qualitativa surge, por volta da década de 1970 do século passado, acompanhando o interesse crescente, em muitos países da América Latina, na discussão da necessária qualidade dos processos educacionais para o enfrentamento e superação das condições de subdesenvolvimento. Em termos de pressupostos teóricos, a abordagem qualitativa carrega em suas raízes os estudos das correntes filosóficas da fenomenologia e do marxismo, pautadas na ciência, a dialética da realidade (GHEDIM, EVANDRO,2011, pg.58).

Nessa perspectiva pode envolver levantamento bibliográfico, geralmente, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e estudo de caso que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento GIL (2008). Podemos compreender que a pesquisa qualitativa tem sua investigação voltada de forma mais ampla para vida social suas vivências e práticas do cotidiano que nos levam a uma reflexão investigativa. Richardson (2009), afirma que:

[...] podemos afirmar quem, em geral, as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares. Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON 2009, p.80).

A pesquisa qualitativa se faz fundamental na compreensão da vida em sociedade, sendo está formada por sujeitos de diferentes formas de ser, agir e pensar. Desta maneira a pesquisa qualitativa tenta enxergar a realidade possibilitado o pesquisador colocar-se no lugar do outro enxergando o mundo pela visão dos pesquisados, dirigindo o olhar para as profundezas das relações a fim de ler o que está escondido por trás das aparências, e não ficar apenas no reflexo da superficialidade.

Esta pesquisa será de natureza qualitativa pois visa uma abordagem temática do contexto social dos educandos tendo um olhar para as relações e interações com seu lugar de vivências.

3.3 Etapas da Pesquisa

3.3.1 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica, é a base fundamental sendo ela a o instrumento de comprovação e fundamentação teórico norteando o caminho a ser seguido no decorrer da pesquisa em alguns casos ela passa a ser o único instrumento de pesquisa, isso acontece principalmente quando a pesquisa é unicamente baseada em textos ou livros. Lakatos (2011), nos mostra o conceito de pesquisa bibliográfica ao relatar que:

Parte do instrumento com que conta um pesquisador está construindo por tudo aquilo que ele leu em toda e qualquer espécie de publicação, notadamente as de caráter científico. Dificilmente, portanto, ele poderá prescindir das referências a essas leituras quando se dispuser a relatar uma pesquisa realizada (RICHARDSON, 2009, pg.300).

As vantagens da pesquisa Bibliográfica segundo Gil (2009), reside no fato de permitir ao investigador entender vários fenômenos de forma mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. A pesquisa Bibliográfica é indispensável principalmente no âmbito das ciências humanas e sociais pois não há outra maneira de estudar fatos do passado sem recorrer a pesquisa Bibliográfica, é por ela que se analisa os dados obtidos de forma secundária.

Para fundamentação teórica desta pesquisa que teve como título: Discutindo sobre o ensino de Geografia: da Geografia Tradicional à Geografia Crítica, foram utilizados como referencial teórico os seguintes autores: ANDRADE (2003), CASTROVAGIOVANNI (2014), FABRÍCIO, VITTE (2011), LACOSTE (1988), MORAES (2007), PONTUSCHKA (2009), SOUZA (2007). Para a fundação teórica Ensino de Geografia: Uma Educação para a convivência com o Semiárido nas escolas do campo, se fez referência aos seguintes autores: AB`SABÉR (2003), BRAGA (2007), FAUSTO (2006), IBGE (2010), MALVEZZI, (2007), MATTOS E KUSTER (2004), LINS (2016), LIMA (2010), NACELICE (2009), OLIVEIRA (2019), SOUZA (2005). Como referencial teórico sobre o jogo quebra-cabeça como recurso

didático contextualizado no ensino de Geografia nas escolas do campo do Semiárido foram citados os seguintes autores: BRENDA (2018), GUARALDO (2012), LINS (2007), OLIVEIRA (2019), PILETTI (2006), SOUZA (2005), SOUZA (2007). O referencial teórico utilizado para a fundamentação teórica do Caminhos metodológicos foram: ANDRÉ (1986), ARRUDA (2004), GHEDIM (2011), GIL (2008), LAKATOS (2011), LÜDKE (1986), LEWGOY (2004), MÖLLER, (2015), MOREIRA (1998), RICHARDSON (2009), ROESE (2006) e SEVERINO (2007), SUERTEGARAY (1999).

3.3.2 Observação Participante

O papel do observador participante se adapta ao tipo de pesquisa que envolve o ambiente de sala de aula. O pesquisador, com essa técnica, terá o livre trânsito no local, podendo realizar suas observações, interagir com os sujeitos até chegar à análise dos dados, obtendo ou não as conclusões de sua pesquisa de acordo com Richardson (2009) essa se torna uma grande vantagem para o pesquisador:

A grande vantagem da observação participante diz respeito a sua própria natureza, isto é, ao fato de o pesquisador torna-se membro do grupo sob observação. Isso significa que as atividades do grupo serão desempenhadas naturalmente porque seus membros não apresentarão inibições diante do observador, nem tentarão influenciá-lo com procedimentos que fujam ao seu comportamento normal, já que deve apresentar um nível elevado de interação grupal pelo fato de os membros esquecerem ou ignorarem que há um “estranho” entre eles (RICHARDSON 2009, p.262).

Com relação ao papel de observador participante, observamos que essa técnica se aplica à sala de aula, dependendo da proposta da pesquisa. O observador pode somente colher os dados, sem maiores contatos com os sujeitos, caso seja um relatório de observação como, por exemplo, um trabalho que queira analisar ou o procedimento de ensino de um professor em sala de aula.

Essa técnica de coleta de dados é um dos principais instrumentos usados nas pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos

científicos. Segundo Lüdke e André (1986), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada. Richardson (2009), nos diz que; um dos pontos mais positivos para o uso da observação é a possibilidade de obter a informação no momento em que ocorre o fato. Esse aspecto é importante porque possibilita verificar detalhes da situação.

Através da observação participante, esta pesquisa teve uma interação com os educandos de forma mais ampla, isso ocorreu mediante ao diálogo em sala de aula a respeito da temática exposta aos educandos foi possível uma interação a partir das intervenções e como esta ocorreu a partir da convivência com o grupo durante a pesquisa, desta forma foi possível compreender aspectos da vida do cotidiano dos educandos percebendo a não identificação dos educandos com o tema abordado “ O Espaço Geográfico”.

3.3.3 Diário de pesquisa/campo

O diário de campo, na maioria das vezes, é considerado como uma forma de agenda, como um caderno de observações e relatos, ou ainda, como um breve relatório descritivo da intervenção e da realidade. O diário de campo consiste em uma forma de registro de observações, comentários e reflexões para uso individual do profissional e do educando pode ser utilizado para registros de atividades de pesquisas. Roese (2006), nos diz que:

O diário de campo (...) é definido como “o registro diário de eventos e conversas ocorridas; das anotações em campo que podem incluir um diário, embora tendam a ser mais abrangentes, analíticas e interpretativas do que uma simples enumeração das ocorrências”. Essas definições da autora incluem a dimensão de cunho mais interpretativo das anotações, ou seja, consideram que, durante a observação de um fato, o pesquisador já poderia registrar algumas análises sobre o acontecimento (ROESE et.al. 2006, pg.02).

Nesse sentido, as anotações descritivas realizadas em diário de campo pretendem transmitir com exatidão a exposição dos fenômenos sociais – requisito essencial da pesquisa qualitativa e de uma intervenção educacional preocupada não

somente com ações imediatas, mas com o planejamento destas, compreendendo a importância deste na coleta dos dados (LEWGOY, ARRUDA, 2004). O diário de campo foi utilizado nessa pesquisa em anotações descritivas das ações e dos fatos ocorridos em sala de aula sendo este fundamental para análises e reflexões sobre o andamento da pesquisa, e qual o procedimento a ser tomado a partir das análises e descrições do contexto escolar dos educandos observados através de cada ação contidas no diário de campo.

3.3.4 Questionário

Entre os diversos instrumentos utilizados para a coleta de dados, o questionário é o mais comum podemos dizer que o questionário é uma entrevista estruturada por questões que buscam conhecer e entender aspectos da vida em sociedade e os sujeitos que a compõem. Gil (2008), nos mostra de forma ampla a definição do questionário como: um conjunto de questões que são submetidas a pessoas para obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado.

Ao falarmos de questionário precisamos entender que não há um tipo específico, poder ter questionários de penas duas ou três perguntas ou até mesmo 100 dependendo da complexidade da pesquisa. Sendo as questões um fator primordial do questionário elas são classificadas em dois tipos: questões abertas que se solicita os respondentes para que ofereçam suas próprias respostas. E as questões fechadas que se pede aos respondentes para que escolham uma alternativa dentre as que são apresentadas (RICHARDSON 2009).

Mas isso não é regra pois podem também conter em um mesmo questionário perguntas abertas e fechadas GIL (2008). O objetivo da construção de um questionário consiste em questões específicas de cada pesquisa. Desta forma compreendemos a importância de analisamos bem cada pergunta que será elaborada para a construção deste, tendo em vista que as pessoas envolvidas na pesquisa não são “objeto” de estudo, mas participantes da pesquisa.

Nessa perspectiva o questionário utilizado nesta pesquisa foi de questões abertas sobre tema: Espaço Geográfico, e quais elementos que formam o espaço

Geográfico, e como é o espaço Geográfico do Semiárido, e quais os elementos que forma o espaço Geográfico do Semiárido, desata forma o questionário nesta pesquisa que tem como objetivo acompanhar o processo de aprendizagem dos educandos a respeito do tema trabalhado. O questionário será aplicado em um primeiro momento e posteriormente no final das ações tem vista buscar compreender qual foi a contribuição educativa desta pesquisa (EM APÊNDICE).

3.3.5 Pesquisa-Ação

Origem da pesquisa-ação teve início com os trabalhos de Kurt Lewin, em 1946, num contexto de pós-guerra norte-americano, onde o mesmo tinha como objetivo a mudança de hábitos alimentares desse povo e mudança de atitudes frente aos grupos étnicos minoritários, ele desenvolveu quando atuava junto ao governo norte-americano, sua pesquisa era pautada a partir dos estudos sobre a dinâmica social da construção de valores e a participação dos sujeitos o reconhecimento de direitos individuais, culturais e étnicos da minorias (GHEDIM, EVANDRO,2011).

A pesquisa-ação é uma metodologia em que permite ao pesquisador intervir diante de um problema exige a participação de forma direta do pesquisador e resulta na resolução de um problema identificado, através da ação GIL (2008). Além de realizar a observação dos fenômenos, este tipo de pesquisa propõe intervenções na realidade do cotidiano a partir de uma nova forma de pensar e agir.

Severino (2007), destaca que: Assim, “ao mesmo tempo em que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos, mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas. ” Podemos perceber a importância da pesquisa ação como pontencializadora no processo de ensino-aprendizagem neste contexto esta pesquisa está diretamente ligada a pesquisa ação, sendo desenvolvidos momentos de elaboração da ação no contexto escolar, foram desenvolvidos 7 momentos sendo estes:

1. MOMENTO: Planejamento
2. MOMENTO: Escolha do Tema do Jogo

3. MOMENTO: Elaboração e aplicação de um questionário de verificação de aprendizagem
4. MOMENTO: Mediação Pedagógica do tema: O espaço Geográfico do Semiárido.
5. MOMENTO: Produção do Jogo pedagógico no âmbito acadêmico;
6. MOMENTO: Experimentação do jogo pedagógico como recurso didático “O jogo quebra-cabeça do Espaço Geográfico do Semiárido”
7. MOMENTO: Reaplicação do questionário de verificação de aprendizagem.

3.3.6 Análise de dados

Os dados coletados foram analisados de forma descritiva e interpretativa sendo está caracterizada pela observação e relação entre os fatos, buscando descrever cada etapa das ações desenvolvidas em sala de aula, descrevendo e analisando os momentos assim como também a relação dos educandos com a temática desta pesquisa e a interação com recurso didático aqui trabalhado.

4 PRODUÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO DO JOGO “QUEBRA-CABEÇA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” COMO RECURSO DIDÁTICO NO CONTEXTO ESCOLAR

Esta seção tem por finalidade apresentar as principais características da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira, assim como sua estrutura física, perfil da turma, e por fim os momentos em que a Pesquisa-Ação foi realizada no contexto acadêmico e no contexto escolar na produção e experimentação do jogo quebra-cabeça do “Espaço Geográfico do Semiárido”

4.1 A Escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira, CNP 01735911/0001-20, INEP25048775, situada na Avenida Maria Balbina Pereira, S/N, Distrito de Santa Luzia do Cariri, Município de Serra Branca-Paraíba, é uma instituição estadual, atende educandos (as) do mencionado distrito, como também, dos sítios: Sussuaruna, Riacho do Buraco, Maria Preta, Boa Vista I, Boa Vista II, Salão, Ingá, Angico, Pé de Serra, Cacimba Nova e Quixaba.

Foto 1 – Vista frontal da EEEFM. Maria Balbina Pereira



Fonte: Arquivo pessoal

Esta instituição foi autorizada inicialmente como Escola Rural em 30 de setembro de 1931, sendo regulamentada pelo decreto nº 192- 30/09/31. Apesar de estar localizada na zona urbana, esta instituição tem um perfil de escola do campo, ou seja, mesmo situada em área urbana seus educandos são oriundos

dos sítios citados anteriormente. Por base no decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, podemos compreender que:

A definição consagrada, que institui a Política Nacional de Educação do Campo, sobre o que são escolas do campo. Em seu artigo primeiro, este decreto estabelece que se compreende por: “Escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo” (DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010).

Os mesmo os educandos residentes nos distritos são filhos de agricultores, sendo assim, a população do distrito de Santa Luzia tem seu trabalho totalmente volta nas práticas agrícolas nos respectivos sítios já citados. Nessa perspectiva Molina e Sá (2012) destacam que:

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo (MOLINA e SÁ, 2012, pg. 326).

Atualmente a gestão da escola é composta por uma diretora e uma coordenadora pedagógica, funciona em dois turnos: tarde e noite. Conta com um total de 09 turmas, sendo 04 do Ensino Fundamental Anos Finais, 03 de Ensino Médio e 02 de Educação de Jovens e Adultos (EJA), distribuídas nos turnos mencionados acima. Os níveis de ensino oferecidos são: Ensino Fundamental (Anos Finais) e Ensino Médio. Com relação às modalidades de ensino ofertadas, informaram que existe apenas Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O modelo de gestão apresentado para gerir a unidade escolar em destaque, segundo os documentos consultados (PPP da escola e Regimento Interno), apresenta características democráticas, embora na prática tal inferência não comprova-se, entretanto, denotou-se que coordenação pedagógica, auxiliar de

digitação e educadores (as), demonstram muito empenho em colaborar com as atividades pedagógicas que são desenvolvidas pela instituição.

4.1.1 Estrutura Física

A instituição apresenta vários espaços escolares, embora sejam insuficientes para atender a demanda da escola. No quadro 1 abaixo são demonstrados os referidos espaços.

Quadro 3 - Estrutura Física

ESPAÇO	QUANTIDADES
Sala de Aula	07
Biblioteca	01
Sala de Informática	01
Cozinha	01
Secretaria	01
Banheiros	02
Sala de Professores	01
Pátio	01

Fonte: Arquivo pessoal

As salas de aula, não apresentam boas condições estruturais, o espaço físico das mesmas é insuficiente para atender a quantidade de educandos (as), não favorecem ventilação, nem luminosidade adequada, o que compromete a aprendizagem dos (as) educandos (as).

A biblioteca funciona em um espaço que é utilizado enquanto sala de professores (as), laboratório de Matemática, Química, Física, Biologia e secretaria escolar, com relação ao acervo para leitura, notou-se que este é bem versátil, dispondo de títulos que vão da literatura infantil até obras voltadas para campos disciplinares específicos.

O laboratório de informática contém 14 computadores, todos funcionando devidamente, porém o sinal de internet utilizado no mesmo é custeado pela equipe de educadores (as), fato considerado inadequado.

A cozinha da escola possui um espaço considerado inadequado, o local de armazenamento dos gêneros alimentícios que são ofertados como merenda é considerada inadequado, por ser um ambiente sem ventilação e de fácil acesso para artrópodes. Não existe refeitório, os (as) educandos (as) merendam no pátio da

escola, não há também local para a prática desportiva, atividades desta natureza são realizadas em uma quadra poliesportiva cedida pelo município.

Os banheiros são banheiros também não apresentam uma boa estrutura física, estes são divididos em dois blocos, um para os educados, professores e funcionários e outro para as educandas, professoras e funcionários.

A rede elétrica, de abastecimento de água e sanitária, encontram-se em boas condições, embora não obteve-se nenhuma informação acerca de quando foi realizado a última manutenção das referidas.

A partir do apresentado acima, reafirma-se que todos os cômodos da escola necessitam de reparos, o prédio foi construído a um bom tempo e não tem sido contemplado com serviços de manutenção, motivo pelo qual este imóvel mostra uma aparência bem deteriorada.

4.1.2 Recursos Materiais

A escola dispõe de variados recursos didáticos, tais como: televisor, DVD, datashow, retroprojeter, micro system, corpo anatômico, variados mapas geográficos e figuras geométricas, estes são utilizados pelos (as) educadores (as) de acordo com as demandas da sala de aula, embora tenhamos percebido um uso bem restrito dos referidos.

4.1.3 Recursos Financeiros

Esta instituição de ensino tem como fonte de recursos financeiros os seguintes: Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa Mais Educação e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNATE).

4.1.4 Recursos Humanos

No tocante aos recursos humanos, a escola apresenta a seguinte composição nos quadros 4 e 5.

Quadro 4- Equipe de Apoio Técnico Administrativo

	Funcionário (a)	Função	Carga horária	Situação Contratual
01	A	Serviços Gerais	40 horas	Contratada
02	B	Merendeira	40 horas	Contratada
03	C	Vigilante	40 horas	Contratado
04	D	Diretora	40 horas	Comissionada
05	E	Merendeira	40 horas	Contratada
06	F	Apoio a Informática	40 horas	Contratada
07	G	Inspetor de Aluno (a)	40 horas	Contratado
08	H	Vigilante	40 horas	Contratado
09	I	Coordenadora Pedagógica	40 horas	Efetiva

Fonte: Arquivo pessoal.

Quadro 5 - Corpo Docente

	Nome	Disciplina	Nível de Ensino - Modalidade	Situação Contratual
01	A	História/Religião	Fundamental/Médio	Efetivo
02	B	Matemática	Fundamental/Médio	Efetivo
03	C	Ciências/Biologia	Fundamental/Médio/EJA	Prestadora de Serviço
04	D	Química/Física	Fundamental/Médio/EJA	Efetiva
05	E	Física	Médio	Efetivo
06	F	Geografia/Artes	Fundamental/Médio	Efetivo
07	G	Português/Espanhol	Fundamental/Médio/EJA	Prestadora de Serviço
08	H	Matemática	Médio	Prestadora de Serviço
09	I	Português	Fundamental/Médio	Efetiva
10	J	Português	Fundamental/Médio/EJA	Efetiva
11	L	Ciências/Biologia	Fundamental/Médio	Efetivo
12	M	Inglês/Artes	Fundamental/Médio	Prestadora de Serviço
13	N	Artes	Fundamental	Efetiva

Fonte: Arquivo pessoal.

Quadro 6 - Corpo Discente

Nível/Modalidade de Ensino	Masculino	Feminino
Ensino Fundamental (Anos Finais)	32	46
Ensino Médio	25	24
Educação de Jovens e Adultos	13	10
Total de educandos (as) por sexo	70	80
Total geral de educandos (as)	150	

Fonte: Arquivo pessoal.

4.1.5 Organização Da Secretaria Escolar

A secretaria da escola funciona nos turnos da tarde e noite, em um ambiente onde também estão inseridos os laboratórios que o educandário dispõe e a sala dos professores. Realiza serviços como transferências, histórico escolar, emissão de declarações, controle de frequência e horário, atendimento a pais de estudantes, docentes, o público em geral, além do mais, auxilia nas funções diversas desenvolvidas dentro da escola, tentando sempre suprir as necessidades presentes no ambiente escolar. O trabalho da secretaria escolar é realizado conjuntamente entre a coordenadora pedagógica da instituição e a auxiliar de digitação. Ambas dividem a incumbência de tratarem de todas as questões que são da alçada deste órgão escolar. De acordo com as informações obtidas durante a coleta de dados, a auxiliar de digitação começou a receber instruções sobre como trabalhar questões referentes à secretaria escolar através de outra funcionária que trabalhava na escola nesta mesma função, mas que hoje não mais faz parte do corpo de funcionários. Houve uma espécie de preparação da atual auxiliar de digitação para ficar encarregada, em parte, do trabalho que é preciso ser realizado na secretaria da escola.

4.1.6 Organização da Gestão Escolar: Equipe de Gestão e Coordenação da Escola

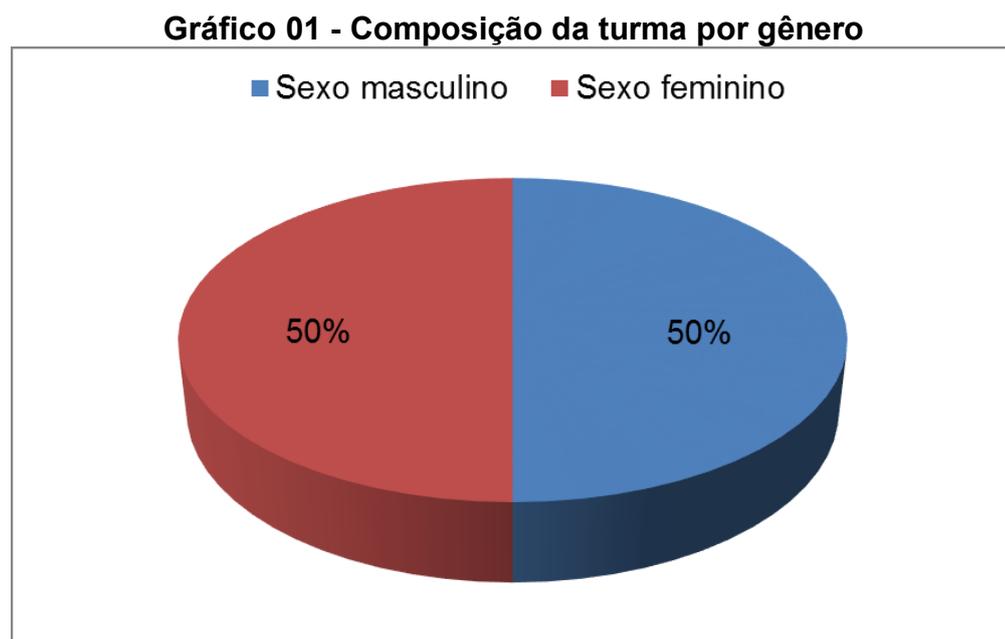
A gestão escolar tem a sua organização atual sob a responsabilidade de uma gestora, com formação em Ciências Sociais. A mesma está a dois meses ocupando o cargo de gestora escolar nesta instituição. A coordenação pedagógica está a cargo de uma professora formada na área de pedagogia e que está a cerca de um

ano e meio ocupando este cargo nessa escola. Esta veio transferida de outra escola devido à falta de compatibilidade de horário disponível na antiga instituição educacional que trabalhava. A organização de funcionamento destes órgãos obedece ao expediente escolar, concentrando-se nos períodos da tarde e noite.

4.1.7 Perfil dos educandos (as) participantes da pesquisa

Os educandos (a) que participaram desta pesquisa, são da turma do 7º ano do turno da tarde da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira, situada no Distrito de Santa Luzia do Cariri, Município de Serra Branca-Paraíba.

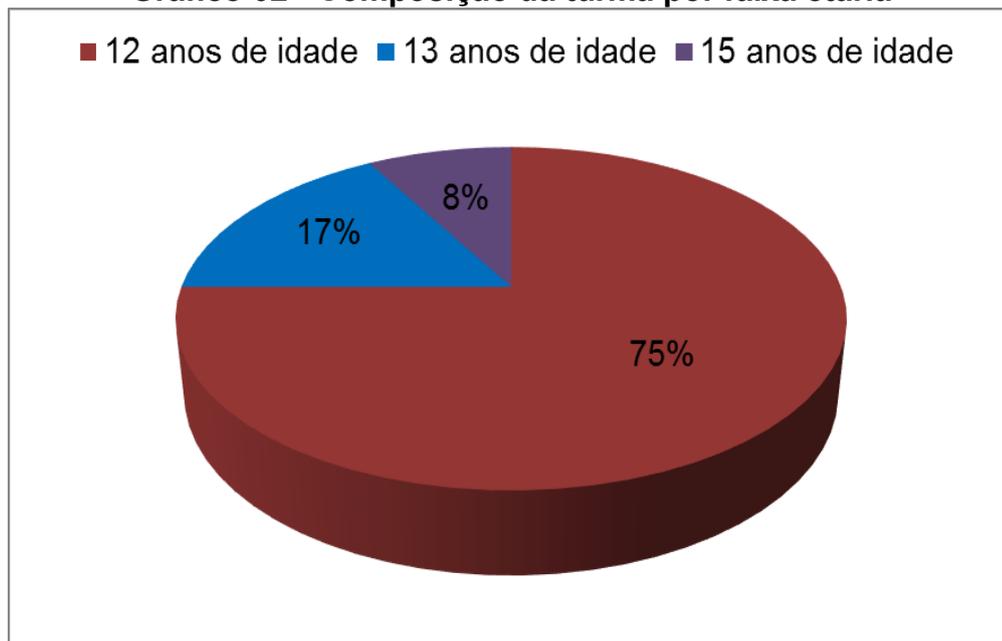
A turma é composta por 17 educandos (as) mas no momento da pesquisa e em todo o seu decorrer só compareceram 12 educandos (as), por este motivo os dados aqui compartilhados serão referentes ao número dos alunos presentes nas respectivas ações, para a coleta de dados foi utilizado questionário. O gráfico 1 - intitulado GÊNERO, temos o dado referente a composição por sexo dos qual 50% dos educandos (as) pesquisados são do sexo masculino e 50% do sexo feminino.



Fonte: Pesquisa de Campo

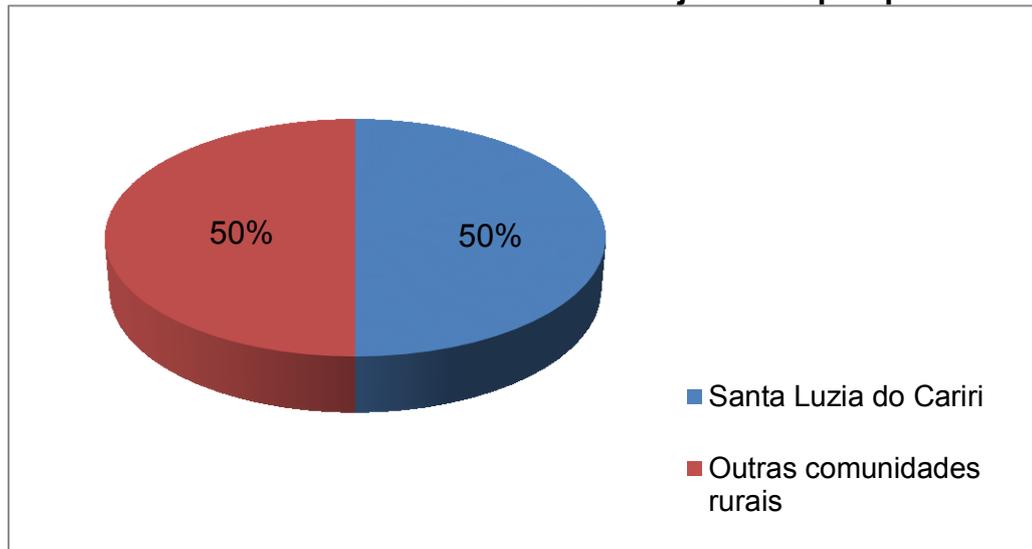
Os educandos (as), participantes desta pesquisa tem faixa etária entre 12, 13, e 15 anos. A partir destes dados podemos identificar que a turma é composta por sua maioria entre os educandos com idade de 12 anos. O gráfico 2 nos mostra de forma mais ampla a porcentagem destes dados referente a faixa etária.

Gráfico 02 - Composição da turma por faixa etária



Fonte: Pesquisa de Campo

No Gráfico 3 Intitulado local de moradia obtivemos um dado bastante interessante no qual percebemos que há uma divisão onde a metade da turma reside no distrito de Santa Luzia e a outra metade nos respectivos sítios sendo eles: Suçarana, Maria Preta, Boa Vista I, e Sucuru.

Gráfico 03 - local de residência dos sujeitos da pesquisa

Fonte: Pesquisa de Campo

4.1.8 A Produção e Experimentação do Recurso Didático no Contexto Escolar no Âmbito da Pesquisa- Ação

A pesquisa-ação promove ao pesquisador uma interação e uma ação direta com os educandos, desta forma podemos compreender a realidade de estar em sala de aula como um momento de aprendizado entre o educando e aquela ação que media a ação. A pesquisa-ação é uma metodologia em que permite ao pesquisador intervir diante de um problema exige a participação de forma direta do pesquisador e resulta na resolução de um problema identificado, através da ação (GIL, 2008).

Sendo uma metodologia que intervém diretamente sobre determinado problema, no nosso caso, a aprendizagem efetiva no ensino de Geografia. Assim, a nossa pesquisa-ação que foi desenvolvida em 7 momentos:

- 1° MOMENTO: Planejamento no âmbito acadêmico

O primeiro, momento desta pesquisa ocorreu no âmbito acadêmico no Laboratório da área de Humanas e Sociais da Universidade Federal de Campina (UFCG) Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), Campina Grande- Sumé. Nesse primeiro momento foi elaborado um planejamento inicial a respeito das ações no contexto escolar que se daria na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Balbina Pereira, a partir da mediação das aulas de

Geografia que tem por finalidade a produção de recursos didáticos que possam facilitar e potencializar o conhecimento dos educandos.

Foto – 2 e 3 Planejamentos Contexto Acadêmico



Fonte: Arquivo Legecampo

Foto - 3



Fonte: Arquivo Legecampo

Neste primeiro momento de planejamento tivemos conhecimento das turmas que em que iríamos atuar como mediadores do conhecimento, sendo estas, 7º ano e 9º ano, no caso desta pesquisa o 7º ano, turmas estas que tem como professor de Geografia o prof. Ronaldo Pinto. Também neste primeiro momento fizemos uma leitura e dos respectivos temas abordados a partir de uma leitura que nos levasse a uma contextualização de temas com o Semiárido, buscando a contextualização dos temas com a realidade dos educandos.

- 2º MOMENTO: Escolha do Tema do Jogo

O segundo momento ocorreu logo depois a primeira visita à escola de atuação das respectivas ações. Nesse segundo momento podemos conhecer mais de perto o campo de atuação como também a gestora da instituição Daniela Ramos de Brito e o prof. Ronaldo Pinto, nesse momento apresentamos de forma mais ampla o objetivo do projeto para a escola representada pela gestora, e também o professor Ronaldo Pinto professor de Geografia da escola, mediante esta apresentação do projeto fomos muito bem acolhidos por toda a equipe escolar.

Em seguida a apresentação, comecei a pensar em um recurso didático que levasse os educandos a aprender de forma divertida e compreensiva que levasse a interação entre eles, como também um interesse maior pela disciplina de Geografia. Desta forma pensando em interação e em uma forma divertida de aprender cheguei à conclusão que um jogo através de um quebra-cabeça seria um recurso que abrangeria de forma mais ampla a interação e a diversão.

Ao reunir-me novamente com a equipe de atuação no projeto juntamente com o coordenador do projeto de extensão chegamos escolhemos o tema “ O Espaço Geográfico”, objeto de estudo da ciência geográfica, que faz parte do conteúdo programado do ensino de Geografia escolar presente no livro didático da escola, como também, do planejamento realizado pelo professor titular.

Foto – 4 Planejamento Para Escolha do Tema



Fonte: Arquivo pessoal.

Devemos destacar que a escolha do tema espaço Geográfico ocorreu também mediante este ser o objeto de estudo da Geografia. A Geografia é uma ciência de caráter sorológico (Choros= lugar), que se propõe a compreender a distribuição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos na superfície terrestre, como também, as causas, distribuição e relações temporais destes fenômenos. É nessa perspectiva que surge o principal objetivo formal-material da Geografia, o estudo do espaço geográfico, que para Suertegary apud Santos (1999) é:

(...) um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerável isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (SUERTEGARY apud SANTOS, 1999, pg. 47).

Mediante a essa acepção, denota-se claramente que o nascedouro do objeto de estudo espaço geográfico acontece por intermédio das constantes relações que se processam entre os elementos naturais e sociais, fato que vem possibilitando a efetivação de constantes estudos geográficos no envolto desta problemática. Neste sentido, Andrade (1985) destaca que:

O homem transforma sempre o espaço em que vive e, ao transformá-lo, transforma a própria natureza, fazendo com que os desafios naturais à sua ação sejam diversos dos desafios da própria natureza não modificada pelo homem. Assim, a ação do homem não ocorre de forma uniforme no espaço e no tempo. Ela se faz de forma mais intensa em determinados momentos históricos e nas áreas onde pode empregar uma tecnologia mais avançada ou em que dispõe de mais capital (ANDRADE, 1985, pg. 25).

Diante dessa constatação, translucida-se que as modificações espaciais não ocorrem homogeneamente e orientam-se pela conjunção de variados fatores, estes vão desde o potencial físico-natural de determinadas áreas percebidas enquanto pujantes ou não para as mais diversas formas de exploração até as condições financeiras e tecnológicas dos grupos humanos que se propõem a espolia-la.

Outro viés marcante no escopo do espaço geográfico, diz respeito a sua condição interdisciplinar, é um objeto que conversa com variados campos científicos, por essa razão constitui-se de uma amplidão que impossibilita apresentar-se conceitos fechados e/ou delimitados capazes de dimensionar sua significação. Moreira (2011), enfatiza que:

O espaço geográfico é o espaço interdisciplinar da Geografia. É a categoria por intermédio da qual se pode dialogar com os demais cientistas que buscam compreender o movimento do todo da formação-social, cada qual a partir de sua referência analítica (MOREIRA, 2011, pg. 63).

A compreensão de espaço como chão da Geografia é, um tema que perpassa todos os discursos geográficos em todos os tempos, tal como se pode aferir numa simples confrontação da maneira como os geógrafos a vêm definindo no tempo MOREIRA (2011).

Moreira (2011) destaca que o espaço geográfico surge na história através da organização territorial dada pelo homem a relação com o seu meio. Para que o educando perceba esses fatores e necessário primeiramente que ele tenha conhecimento sobre o que é espaço geográfico, da mesma forma acontece com o espaço geográfico do Semiárido.

Trabalhar o espaço geográfico na educação geográfica, com os educandos é fundamental para a compreensão da importância da relação do homem com o espaço que está inserido sendo este diariamente modificado e transformado através das ações.

A partir deste conceito tendo em vista a contextualização trabalhamos de forma mais ampla o espaço geográfico do Semiárido, sendo este o espaço geográfico onde estamos inseridos. Trabalhar o conceito de espaço geográfico do Semiárido é mostrar ao educando a importância desse espaço seu bioma e de sua população, mostrando todo o seu potencial econômico, social e cultural.

- 3º MOMENTO: Elaboração e Aplicação do Questionário de diagnose da Aprendizagem

No terceiro momento da pesquisa tive um primeiro contato com a turma do 7º ano, onde fui apresentada a turma e em seguida foi realizada aplicação de um questionário que tinha como objetivo compreender qual o conhecimento que os educandos tinham sobre a temática que envolveriam as ações pedagógicas em sala de aula. O questionário aplicado tinha como tema: O Espaço Geográfico, o mesmo, era composto por 7 questões. Foi aplicado para os educandos do 7º ano.

A primeira questão do questionário fazia-se a seguinte pergunta: para você o que é o espaço natural? A segunda pergunta: escreva os elementos que formam o espaço natural, a terceira pergunta: para você o que é o espaço Geográfico? Quarta pergunta: como é construído O Espaço Geográfico? Quinta pergunta: O Espaço Geográfico é igual sim ou não? Porque? Sexta pergunta: como é o Espaço Geográfico do Semiárido? Sétima pergunta: Escreva 5 tipos de Espaço Geográfico que você conhece.

Foto - 5 Questionário

The image consists of two side-by-side photographs of a questionnaire form. The left photograph shows the top portion of the form, including the logo of the Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG) and the following text: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO, UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, PESQUISA DE TCC EXTENSÃO, and QUESTIONÁRIO DE ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM. Below this, there are fields for 'Aluno (a)', 'TURMA:', 'IDADE:', 'COMUNIDADE QUE MORA:', and 'SEXO () M () F'. The first three questions are visible: 1 - Para você o que é o espaço natural?, 2 - Escreva os elementos que formam o espaço natural, and 3 - Para você o que é o espaço geográfico?. The right photograph shows questions 4 through 7: 4 - Como é construído o espaço geográfico?, 5 - O espaço geográfico é igual? () SIM () NÃO Por quê?, 6 - Como é o espaço geográfico do Semiárido?, and 7 - Escreva 5 tipos de espaço geográfico que você conhece.

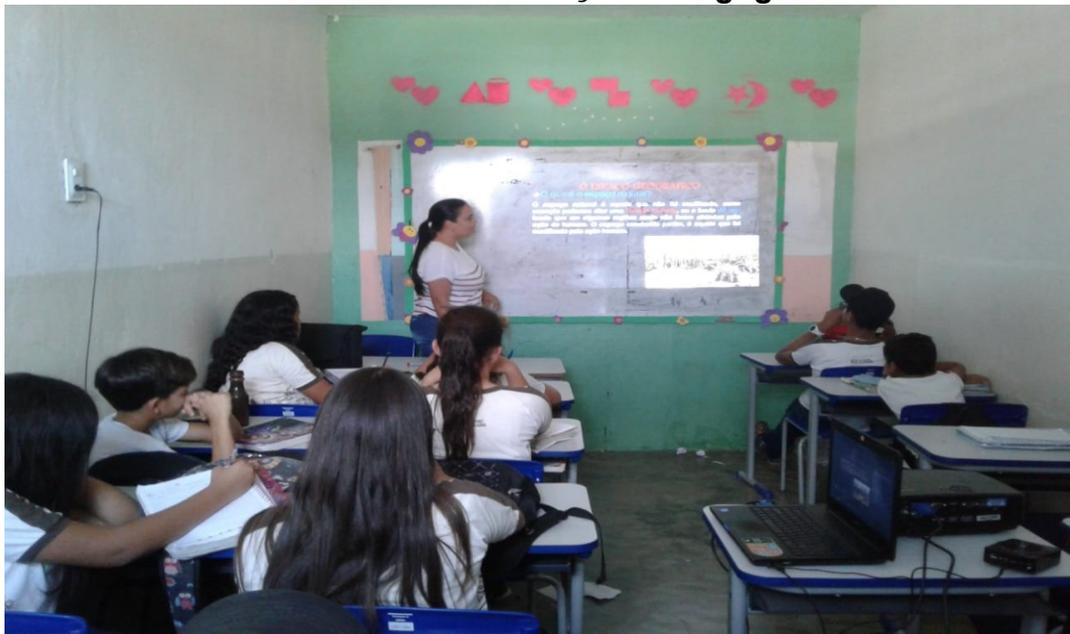
Fonte: Arquivo pessoal

Após a aplicação do questionário deu-se início aos estudos e pesquisa bibliográfica sobre o conceito de Espaço Geográfico e como é construído o espaço geográfico do Semiárido, como também, sobre a metodologia a ser utilizada na mediação de forma a proporcionar uma maior compreensão dos educandos sobre o tema. Foi possível observar a enorme dificuldade dos educandos na tentativa de responder as questões que foram abordadas pela temática.

- 4° MOMENTO: Mediação Pedagógica do Tema na Sala de aula: O espaço Geográfico do Semiárido

A mediação pedagógica do tema “O espaço Geográfico do Semiárido” foi planejada mediante as questões presentes no questionário buscando responder de forma clara e compreensível a todas elas. Neste momento as questões contidas no questionário foram contextualizadas com a realidade dos educandos, todas as questões do questionário buscaram a partir da contextualização que os educandos se identificassem com o tema, compreendendo que o Espaço Geográfico Semiárido não é algo distante de nós e sim o nosso espaço de vivência do cotidiano formador de uma cultura e de uma identidade.

Foto - 6 Mediação Pedagógica



Fonte: arquivo pessoal.

Para a mediação desta aula foram utilizados como recursos didáticos: notebook, Datashow, quadro, exibição de material em slides, imagens que

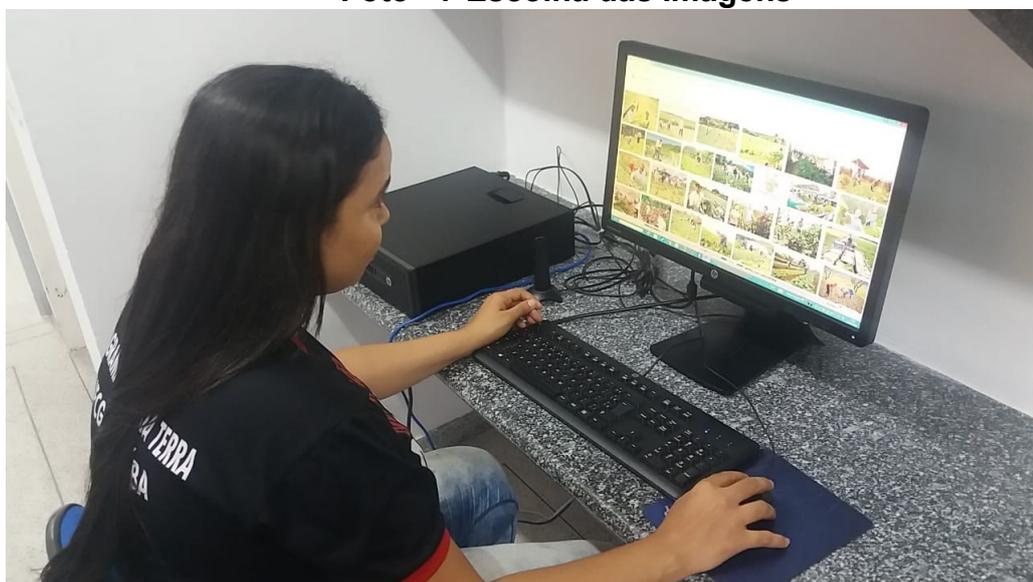
representam o espaço natural do Semiárido, mapa da nova delimitação do Semiárido, fotos da comunidade de Santa Luzia e dos sítios aos quais residem os educandos na perspectiva de mostrar que o lugar de vivência está diretamente ligado a temática, e para finalização da mediação foi reproduzido um vídeo sobre a vegetação e a importância da preservação do Bioma Caatinga no Espaço Geográfico do Semiárido.

No decorrer da mediação da aula foi possível observar o interesse dos educandos, principalmente quando o tema fazia relação com o cotidiano e com o lugar em que vivem a partir das fotos de sua localidade apresentadas na apresentação dos Slides, os educandos tiveram uma compreensão maior sobre o Semiárido não só a partir de sua formação climática, mas também do seu Bioma (caatinga) sendo estes fatores primordiais para a convivência nesta região.

- 5º MOMENTO: Produção do Jogo Pedagógico no Âmbito Acadêmico.

A produção do jogo pedagógico o quebra-cabeça do Espaço Geográfico do Semiárido foi realizado fora do contexto escolar sendo este produzido no contexto acadêmico no Laboratório de Ciências Humanas e Sociais da Licenciatura em Educação do Campo. As imagens foram escolhidas a partir de pesquisa na internet, logo após a escolha das imagens deu-se início à procura de uma gráfica que pudesse fazer a formatação da arte modelo de quebra-cabeça sobre as imagens.

Foto - 7 Escolha das Imagens



Fonte: Arquivo pessoal.

As imagens abaixo nos mostra como elas eram antes da construção do jogo quebra-cabeça, também teremos uma breve explicação sobre a escolha de cada imagem. Foram escolhidas 4 imagens que retratassem o espaço Geográfico do Semiárido, a vida do cotidiano da população desta região. A imagem 3 faz menção ao espaço Geográfico que destacava uma área de lazer como vemos na imagem 4:

Imagem 4 - Área de Lazer na Zona Rural



Fonte: <https://www.google.com/search?q=IMAGENS+DE+FUTEBOL+NO+SITIO+AREA+RURAL> Acessado 03/09/2019.

A imagem 4 nos mostra uma área de produção sendo agricultura familiar uma das formas de produções mais presente na nossa região, sendo está uma imagem que retrata de forma concreta a realidade destes educandos sendo estes 50% do campo. A imagem 5 nos mostra de forma mais ampla essas práticas referentes à agricultura familiar.

Imagem 5 - Agricultura Familiar



Fonte: <https://www.google.com/search?q=area+produ%C3%A7%C3%A3o+agricultura+familiar+no+nordeste+imagens&sxsrf>. Acessado 03/09/2019.

A imagem 5 nos traz a cidade de Sumé representando todas as cidades do Semiárido, tendo como objetivo mostrar para educandos que as cidades presentes

no Semiárido fazem parte do Espaço Geográfico sendo este modificado pela ação humana no decorrer do tempo.

Imagem 6 - Cidade de Sumé



Fonte: https://www.google.com/search?biw=1366&bih=657&tbm=isch&sxsrf=5OUP4uy44A8&q=imagem+cidade+de+sumé&oq=imagem+cidade+de+sumé&gs_l=img.Acesa-do-03/09/2019.

A imagem 6 nos mostra a relação homem-natureza e suas transformações na vida no campo suas alterações e formação a partir da intervenção do homem na formação das práticas e produções sendo uma destas as tecnologias Sociais presentes na formação das vilas, distritos e sítios como veremos abaixo na imagem 7.

Imagem 7 - Relação Homem-Natureza



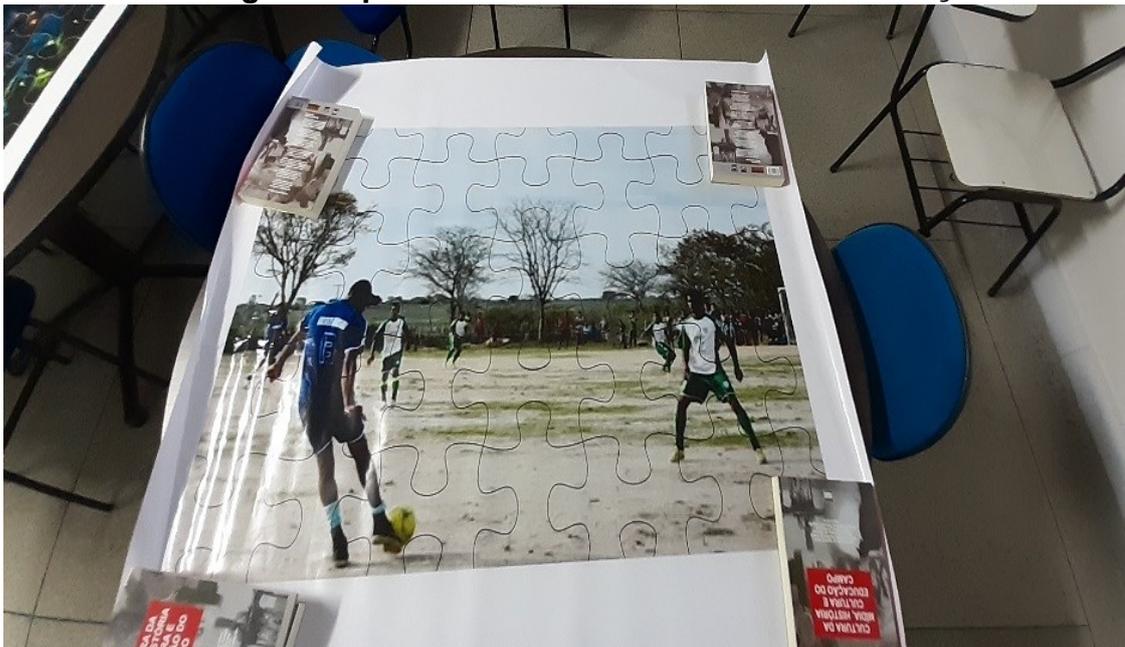
Fonte: <https://www.google.com/search?q=imagem+area+rural+tecnologias+sociais&sx=1366&bih=657#imgrc=RWLMIAZPc-r9UM>. Acessado 03/09/2019.

Foram construídos 4 quebra-cabeças. A construção de cada um levou cerca de 7 horas e trinta minutos, incluindo desde do primeiro momento do corte de cada peça do jogo, colagem no isopor, corte da imagem já colada no isopor, e em seguida

a montagem do jogo quebra-cabeça sendo está a etapa de teste das peças no momento do encaixe de cada uma delas. Para a construção do jogo quebra-cabeça foi utilizado: papel adesivo, isopor, cola de isopor e cola silicone.

As imagens tinham 1 metro de largura e 70 centímetros de comprimento no processo de montagem foram utilizados: tesoura, cortador de isopor, estilete. Veremos abaixo nas fotos 8, 9, 10, 11,12 e 13 as etapas do processo de construção do quebra-cabeça.

Foto 8 - Imagens Impressas em Formato de Quebra-Cabeça



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 9 - Imagens Impressas em Formato de Quebra-Cabeça



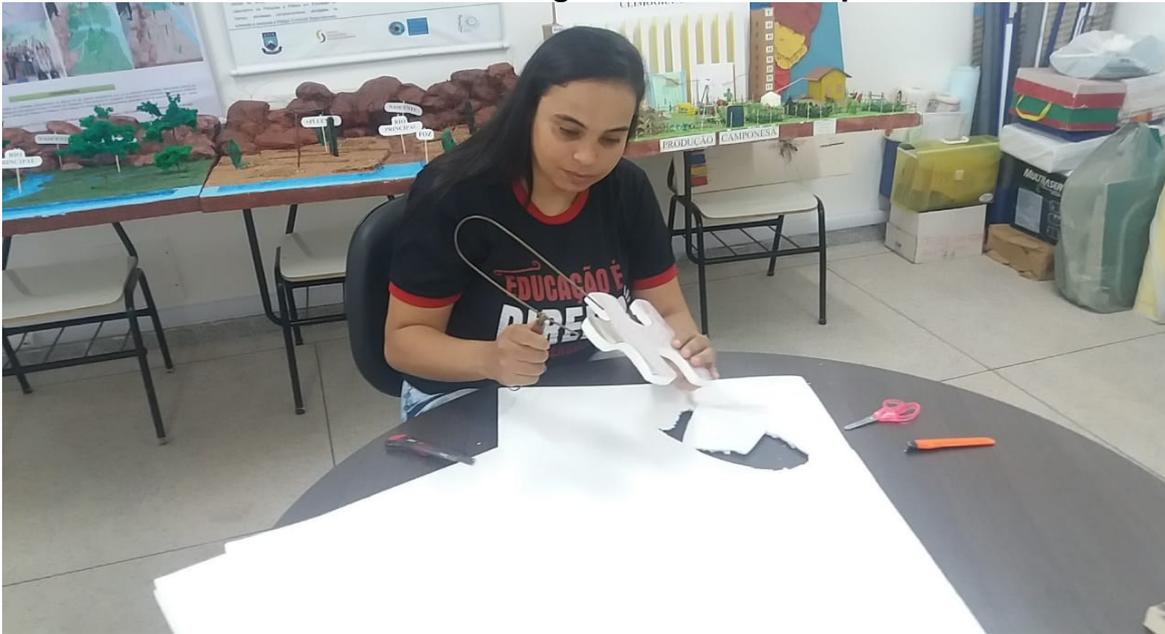
Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 10 - Cortes das Imagens



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 11 - Colagem e Corte no Isopor



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 12 e 13 Montagem do Quebra-Cabeça



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto – 13



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa etapa de construção do jogo quebra-cabeça também foi elaborado as regras para se jogar de forma divertida, mas também utilizar- se deste para a fixação e potencialização do tema abordado na mediação em sala de aula referente ao espaço Geográfico do Semiárido, tornando este conteúdo atrativo para os educandos. Desta forma saímos da rotina em sala de aula baseada apenas no livro e no quadro como único recurso didático utilizado em sala de aula. Nessa perspectiva veremos no quadro 7 abaixo as seguintes regras para dinamizar a montagem do quebra-cabeça em sala de aula.

Quadro 7 – Regras do quebra-cabeça – Espaço Geográfico do Semiárido

Nº	<i>Regras</i>
1º	Formar grupos
2º	Mostrar os educandos as imagens e os tipos de espaços Geográficos do Semiárido.
3º	Sortear as imagens entre os grupos.
4º	Entregar a cada grupo a imagem impressa do espaço Geográfico que está no quebra-cabeça.
5º	Comunicar aos alunos que ao formar a imagem que forma o espaço Geográfico é preciso responder as seguintes questões: a) Que tipo de espaço Geográfico é esse? b) Citar os elementos que formam o espaço Geográfico e qual o tipo de intervenção humana ocorreu nesse espaço? c) Qual região está situada esse espaço Geográfico? d) Qual bioma está sendo representado na imagem?

Fonte: Criado pelo Autor (a)

6. MOMENTO: Experimentação do Jogo Pedagógico “O Jogo Quebra-Cabeça do Espaço Geográfico do Semiárido” na Sala de Aula.

A mediação do jogo como recurso didático pedagógico, referente ao tema espaço Geográfico, tendo como tema; O jogo quebra-cabeça do Espaço Geográfico do Semiárido, ocorreu na biblioteca da escola por uma questão de espaço, pois a sala de aula da turma do 7º ano era insipiente tendo em vista que está e uma sala de aula improvisada por esse motivo a ação aconteceu na biblioteca. Para dar início a montagem do quebra-cabeça foi apresentado a turma as regras a serem seguidas. Na sequência a turma foi dividida em 4 grupos, cada grupo recebeu uma imagem referente a imagem do jogo que seria montada, a escolha de cada imagem aconteceu por sorteio. Em seguida cada grupo ficou diante da sua imagem e peças

a serem montadas. Como mostra as fotos 14, 15 ,16, e 17 os seguintes grupos 1, 2, 3, 4.

Foto – 14 Grupo 1 Imagem Area de Lazer na Zona Rural



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto – 15 Grupo 2 Imagem Agricultura Familiar



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto – 16 Grupo 3 Imagem da Cidade de Sumé



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto – 17 Grupo 4 imagens comunidade rural



Fonte: Arquivo pessoal

Em seguida após a divisão dos grupos e sorteio das imagens do jogo, deu-se início a montagem do quebra-cabeça de cada imagem. Esse momento foi muito divertido os educandos estavam ansiosos para este dia. Veremos nas fotos 18, 19, e 20 como ocorreu o processo de montagem feito pelos educandos:

Foto – 18 - Processos de Montagem I



Fonte: Arquivo pessoal

Foto – 19 Processos de Montagem II



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto – 20 - Processos de Montagem III



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao final da montagem do quebra cabeça os educandos teriam que responder as questões que fazem parte das regras do jogo quebra-cabeça, as questões eram referentes ao espaço Geográfico do Semiárido que faziam ligação direta com a imagem do quebra-cabeça.

Segundo as regras do jogo deveriam ser respondidas as seguintes questões: que tipo de espaço Geográfico é esse? Citar os elementos que formam o espaço Geográfico e qual o tipo de intervenção humana ocorreu nesse espaço? Qual região está situada esse espaço Geográfico? Qual bioma está sendo representado na imagem? Abaixo nas fotos, 21, 22 e 23 podemos observar o final da montagem do quebra cabeça de cada imagem:

Foto – 21 - Momentos das Perguntas – Grupo 1



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto – 22 - Momentos das Perguntas – Grupo 2



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto – 23 - Finalização das Montagens



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao fazer as perguntas referente as regras do jogo os educandos mostraram domínio sobre cada questão pois eles já haviam sido informados na mediação em sala de aula sobre a temática “ Espaço Geográfico” que tínhamos um recurso didático sobre este tema e que seria de uma forma dinamizada, só não foi falado qual seria a forma. Diante dessa forma diferente de se falar sobre Geografia provocou nos educandos um interesse maior em aprender Geografia relacionando com o Semiárido.

Durante todo o momento da montagem foi possível observar a empolgação ao montar cada peça do quebra-cabeça como também o desafio de as encontrar. Educandos esperavam ansiosos por esse momento da montagem do quebra-cabeça, de início não conseguiam entender como o tema espaço Geográfico seria trabalhado em um jogo por isso a expectativa se tornou ainda maior.

7 MOMENTO: Reaplicação do Questionário de Verificação de Aprendizagem

Para finalizar mediação pedagógica foi novamente reaplicado o questionário sendo este o mesmo aplicado no primeiro momento, no primeiro questionário aplicado teve como objetivo coletar informações sobre o conhecimento dos educandos a respeito do tema abordado, a aplicação deste segundo questionário teve como objetivo acompanhar a aprendizagem dos alunos através da metodologia da aula expositiva dialogada e o uso do jogo quebra-cabeça como potencializado no

processo de ensino-aprendizagem. Foi possível observar nesse momento de reaplicação do questionário uma facilidade para responder as questões, sendo estas as mesmas do primeiro questionário.

5 O JOGO QUEBRA-CABEÇA “O ESPAÇO GEOGRÁFICO DO SEMIÁRIDO” COMO RECURSO DIDÁTICO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO

Esta seção tem por finalidade apresentar o acompanhamento da aprendizagem através da mediação, apresentando os resultados dos questionários que foram aplicados na turma do 7º ano que ocorreu em dois momentos. O primeiro momento no início da pesquisa, com o objetivo de coletar informações a respeito da compreensão dos educandos a respeito do tema: O espaço Geográfico. No segundo momento, o mesmo questionário, foi reaplicado com o objetivo de acompanharmos e verificar como o recurso didático através da mediação no caso do jogo quebra-cabeça do “Espaço Geográfico do Semiárido”, potencializou o processo de ensino-aprendizagem dos educandos (as).

5.1 A Mediação no Processo de Ensino-Aprendizagem

No cotidiano do professor em sala de aula, a tarefa de ensinar implica numa relação constante do professor com o educando (a), não só na mediação do conhecimento, mas também na capacidade de questionar o educando (a) que, nas situações de aprendizagem, vai desenvolver cada vez mais a habilidade de fazer perguntas e interagir com as temáticas abordadas.

Compreendemos, pois, a importância da mediação da aprendizagem no desenvolvimento dos educandos (a) em sala de aula e na sua vida a partir da interação na vida em sociedade, assim como a importância do mediador nesse processo. Franck e Nichele (20015), nos mostra que:

A mediação acontece quando o processo de ensino e aprendizagem é compartilhado, quando o aluno vivencia cognitivamente, fisicamente e emocionalmente o que sendo proposto. Um bom mediador consegue perceber que na mesma sala de aula, diante da realização de uma tarefa, alguns alunos alcançaram os objetivos propostos, outros estão imaturos e outros totalmente distantes (FRANCK, NICHELE, 2015 pg. 2490).

Desta maneira podemos compreender a importância da mediação no processo de ensino-aprendizagem e como a experiência com a aprendizagem mediada é eficaz justamente porque, são nas interações sociais que o homem começa a atribuir significados e posteriormente evoluem para os processos de aprendizagem (MÖLLER, 2015). Faz-se necessário, portanto, valorizar a curiosidade, o espírito de busca, a imaginação, a autonomia sendo estas primordiais para a reflexão crítica dos temas abordados diariamente pelo professor em sala de aula, fazendo relação destes conteúdos com aspectos da realidade do educando (a).

O processo de mediação é caracterizado pela relação entre professor e educando (a), sendo que as interações desenvolvidas neste processo têm como objetivo central, o construir do conhecimento, e o desenvolvimento da dos educandos (as), mas isso só é possível acontecer de acordo com a estrutura planejada pelo professor, ou seja, a elaboração de sua prática diante a sala de aula, sabendo assim, que está aprendizagem mediada só pode ser realizada a partir da familiarização existente no ambiente escolar (MÖLLER, 2015).

Desta forma o processo de mediação passa pelo professor que leva o educando a uma compreensão mais ampla e participativa sendo o educando e sua realidade sujeitos que promovem o conhecimento a partir de suas vivências. Segundo Möller (2015):

“O mediado reorganiza e sistematiza essa transformação a partir da intervenção de um mediador que trabalha interagindo com o aprendiz estimulando suas funções cognitivas, organizando o pensamento e melhorando o seu processo de aprendizagem” (MÖLLER, 2015, p.11071).

Através da mediação da aprendizagem, foi possível proporcionar aos educandos (as) uma nova forma de aprender onde o mediador também aprende na medida em que acontece as respectivas ações. Esta pesquisa teve como seus princípios norteadores o processo de mediação sendo este fundamental na aprendizagem, assim buscamos fazer com que os educandos (as) tivessem uma compreensão mais ampla a respeito do tema; o espaço geográfico, sendo este o espaço das relações humanas, sociais e econômicas com o meio natural sendo este modificada e transformada no decorrer do tempo e da história. Assim, a nossa mediação aconteceu através de uma aula expositiva de forma dialógica com os

alunos e a utilização de um quebra-cabeça, na realidade foram quatro imagens que mostravam o espaço geográfico do Semiárido, com destaque ao Cariri Paraibano que serviram como recurso pedagógico que dialogou com a realidade dos educandos.

Desta forma, foi possível observar através da mediação das ações em sala de aula a interação dos educandos através da mediação do conhecimento a partir do jogo pedagógico como recurso didático no ensino de Geografia que, potencializou a aprendizagem tornando mais atrativo o conteúdo despertando o interesse em aprender e fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia.

5.2 Acompanhamento da Aprendizagem

O acompanhamento da aprendizagem dos educandos (as) ocorreu mediante a coleta de dados que se deu através do questionário no início e no final da pesquisa, com a intenção de saber o conhecimento e a compreensão dos educandos (as) sobre o tema: O espaço Geográfico.

No final da mediação foi utilizado o mesmo questionário da primeira etapa desta ação que teve objetivo de compreender a contribuição educativa das ações desta pesquisa como também buscar saber como o jogo pedagógico como recurso didático auxiliou e potencializou no processo de ensino-aprendizagem dos educandos (as) da turma do 7º ano.

O questionário foi aplicado na primeira etapa da pesquisa a 12 alunos sendo estes os mesmos no segundo momento da reaplicação do mesmo. Para acompanhamento da aprendizagem dos educandos em relação as ações e a utilização do jogo pedagógico como recurso didático auxiliou e potencializou a aprendizagem, foi feito a análise comparativa das respostas dos questionários o antes e o depois das ações.

Como podemos observar no quadro 8, o conhecimento dos educandos a respeito da questão que se refere ao que seria o espaço natural, fica claro através das respostas a falta de compreensão dos educandos (as) sobre o que é espaço natural.

Quadro 8 – Compreensão de Espaço Natural

Questão 1- Para você o que é o espaço natural?		
Educando(a)	Antes da Mediação	Depois da Mediação
A	Não sei.	É aquele que não foi modificado pelo homem.
B	Não sei	O espaço que não foi modificado pela ação do homem.
C	Não sei.	Aquele que não foi modificado.
D	Não me lembro.	Aquele que não foi modificado exemplo: floresta fechada e o fundo do mar.
E	Não sei.	É o lugar onde o homem ainda não modificou através de suas ações.
F	Não sei.	Lugar onde a natureza ainda não teve transformações ocorridas pelo homem.
G	Não sei acho que já ouvi falar mais não lembro.	Aquele que não é modificado.
H	Não sei.	Espaço onde o homem não fez transformações.
I	Não lembro.	O que não foi modificado pelo homem permanecendo em sua totalidade natural.
J	Não sei.	Espaço natural é aquele onde o homem não modificou através de suas ações.
L	Eu não sei	É aquele que não teve interferência do homem.
M	Não sei o que é.	É o espaço onde o homem não desmatou nem modificou.

Fonte: Pesquisa de campo.

Talvez esses educandos (a) nunca tenham debatido a respeito de espaço natural, mas o educando **G** deste mesmo quadro nos relata que “**não sei acho que já ouvi falar mais não lembro**” isso significa que em algum momento esses

educandos (as) tiveram um contanto com esse tema, sendo este possivelmente abordado em sala de aula, pois este é um dos temas primordiais para se iniciar o ensino de Geografia em todas as fases do ensino escolar seja ela educação infantil, ensino fundamental ou ensino médio.

Fica claro no quadro 8 o aprendizado dos educandos (as) após a mediação em sala de aula e, após a ação a partir de estratégias pedagógicas no caso aqui o recurso didático utilizado para esta pesquisa, podemos identificar que as respostas do questionário após as ações são convictas demonstrando um conhecimento que não foi decorado mais vivenciado onde o educando participou de forma concreta. Dando continuidade as análises comparativas veremos abaixo no quadro 9 a questão de número 2 do questionário que se refere a quais os elementos que formam o espaço Geográfico.

Quadro 9 – Elementos que Formam o Espaço Natural

Questão 2 - Escreva os elementos que formam o espaço natural		
Educando(a)	Antes da Mediação	Depois da Mediação
A	Não sei.	Rios, relevo, matas.
B	Não sei.	Florestas, mares, rios.
C	Não sei.	Ambiente da natureza, composto pelo os rios, a vegetação, os relevos.
D	Nunca ouvi falar nisso.	Rios, relevo, vegetação.
E	Não sei.	Rios relevo, clima, vegetação.
F	Não sei.	Lagos, florestas e animais.
G	Sei lá.	Vegetação, rios e elementos climáticos.
H	Eu não sei.	Rios, florestas e animais.
I	Não sei.	Florestas, rios, animais e relevo.
J	Não sei.	Rios, florestas e lagos, mar, animais.
L	Não sei	Riachos, lagos e vegetação.
M	Não sei.	Vegetação, lagos, relevo.

Fonte: Pesquisa de campo.

O quadro 9, faz referência a segunda questão do questionário referente a quais os elementos que formam o espaço natural, como podemos observar a resposta dos educandos (as) também não foram diferentes tratando-se do primeiro questionário aplicado. Desta forma fica claro que os educandos desconhecem a temática abordada nesta questão.

Após a mediação em sala de aula e através das ações com o recurso didático, fica perceptível um novo conhecimento dos educandos (as) nas respostas compreendendo que os elementos que formam o espaço natural fazem parte dos elementos físicos abordados pela Geografia. Analisaremos agora o quadro 10 que se refere a questão 3 do questionário.

Quadro 10 – Compreensão de Espaço Geográfico

Questão 3 – Para você o que é o espaço geográfico?		
Educando(a)	Antes da Mediação	Depois da Mediação
A	Não sei.	O espaço geográfico é o meio em que vivemos.
B	Não sei.	É o espaço em que vivemos.
C	Eu não sei.	É o meio em que vivemos no nosso dia a dia.
D	Não sei.	É onde o homem á modificou e onde vivemos.
E	Eu não lembro.	O espaço onde abitamos onde vivemos.
F	Não sei.	É o meio em que vivemos.
G	Não sei.	É o espaço do nosso cotidiano onde vivemos.
H	Não sei.	É o meio em que vivemos é o lugar das relações humanas.
I	Não sei	O espaço das interações humanas e onde vivemos.
J	Não sei.	O espaço geográfico onde vivemos construímos nossas casas.
L	Não sei.	É o espaço onde nós vivemos
M	Não sei.	O espaço onde nós moramos e convivemos em sociedade.

Fonte: Pesquisa de campo.

Mediante a concepção de espaço geográfico, nota-se claramente o nascedouro da categoria espaço geográfico acontece por intermédio das constantes relações que se processam entre os elementos naturais e sociais, fato que vem possibilitando a efetivação de constantes estudos geográficos no envolvimento desta problemática. Nessa perspectiva podemos compreender a importância desta temática para o ensino de Geografia sendo ela primordial para qualquer outro tema referente ao estudo desta ciência.

Como podemos observar o quadro 10 referente a questão do questionário aplicado na primeira fase da pesquisa a respeito deste tema: o que é o espaço Geográfico os educandos (as) carregam dentro de si um total desconhecimento. As ações presentes nesta pesquisa trouxeram um novo significado respeito do que seria o espaço Geográfico como podemos verificar nas respostas do segundo questionário, fica claro e de forma evidente aprendizagem do conteúdo. No quadro 11 abaixo continuaremos análise da quarta questão do questionário que se refere a construção do espaço Geográfico.

Quadro 11 – Constituição do Espaço Geográfico

Questão 4 – Como é construído o espaço Geográfico?		
Educando(a)	Antes da Mediação	Depois da Mediação
A	Sei lá.	Construído com ação humana através de prédios, ruas e cidades.
B	Não sei.	É construído pelas cidades sítios e relações econômicas.
C	Não sei.	É construído através da intervenção do homem nas construções dos sítios e formação das cidades.
D	Não sei	Por pessoas e atividades produtivas e relação econômica.
E	Não sei	Construído por meio de atividades que homem realiza para a sua sobrevivência.
F	Não sei.	É construído a partir das modificações no espaço natural para a formação de espaços urbanos e sítios.
G	Não sei.	É construído pelo homem no

		decorrer da história e das relações sociais econômicas.
H	Não lembro disso.	Construído pelas atividades humanas e fatores econômicos e sociais.
I	Não sei.	Construído pelas construções feitas pelo homem no decorrer do tempo e suas relações sociais.
J	Não sei.	É formado pelas modificações feitas pela população no decorrer da história da humanidade.
L	Não sei.	É formado pela formação da sociedade e suas relações e transformações.
M	Não sei.	É formado pela vegetação á modificada e transformada pelo homem e suas relações sociais.

Fonte: Pesquisa de campo.

Sendo o espaço Geográfico detentor das relações sócias e econômicas, este faz parte da vida humana no decorrer do tempo e da história da humanidade. Tais relações são fatores determinantes no processo de modificação do espaço natural sendo este transformado e modificado. Temos então a formação do espaço Geográfico sendo este construído e modificado pelo homem e suas relações sociais e econômicas.

No quadro observamos ainda a falta de conhecimento dos educandos a respeito do tema por este motivo no processo de mediação da aprendizagem foi utilizada a contextualização para que os educandos pudessem perceber que o espaço Geográfico é este próximo dele ou seja é o seu lugar de vivência, seja ele nos seus respectivos sítios ou cidade e, que este espaço Geográfico em que ele convive esta diariamente sendo transformado e modificado.

Através desta abordagem de forma contextualizada no processo de mediação obtivemos na segunda aplicação do questionário bom êxito nas respostas ficando de forma clara a aprendizagem dos educandos (as) como podemos observar no quadro acima. Veremos abaixo no quadro 12, a questão 5 do questionário.

Quadro 12 – A Compreensão da Diferenciação do Espaço Geográfico

Questão 5 – O espaço Geográfico é igual?

Educando(a)	Antes da Mediação	Depois da Mediação
A	Não sei.	O espaço Geográfico não é igual pois existe dois tipos de espaço o natural e o modificado pelas ações do homem.
B	Não sei.	Não são iguais pois os espaços Geográficos são diferentes.
C	Eu não sei.	Não são iguais pois existe o espaço natural e que não é natural.
D	Não sei.	Não pois existem vários tipos de espaços Geográficos diferentes.
E	Não sei.	O espaço geográfico não é igual pois são diferentes tipos a cidade é diferente do sitio.
F	Não sei.	Não são iguais.
G	Não sei.	Não são iguais pois tem espaços modificados pelo homem e outros não nenhum espaço é igual.
H	Não sei não.	Não são iguais todos os espaços são diferentes alguns com muita vegetação e outros não.
I	Não sei.	Não são iguais pois existe dois tipos de espaço Geográfico o natural e o modificado pelo homem.
J	Sei não.	Não porque tem vários tipos de espaços Geográficos formados pelas transformações causadas pelo o homem nos sítios e nas cidades.
L	Não sei.	Não são iguais pois um é natural e o outro modificado.
M	Não sei.	Não porque são formados de diferentes formas.

Fonte: Pesquisa de campo.

A questão 5 do questionário no quadro 11, tem por finalidade compreender a percepção dos diferentes tipos de espaços Geográficos que estão presente no cotidiano dos educandos (as) tendo ainda a finalidade de coletar informação se os educandos (as) percebem que o espaço Geográfico e diversos e dinâmico sendo estes diferentes em seus biomas, climas e culturas.

Como também, podemos observar a resposta dos educandos (as) mostram assim como nas outras questões uma total falta de conhecimento sobre a questão. Por meio da mediação da aprendizagem e utilizando imagens da própria comunidade de Santa Luzia e das comunidades rurais dos próprios educandos foi possível mostrar aos educandos que estes espaços Geográficos que fazem parte de suas vidas são diferentes. Assim, como também as relações sociais e econômica que ocorrem nestas comunidades do campo e da cidade.

No quadro 11 as respostas dos educandos mostram um conhecimento significativo e amplo a respeito do tema. Continuando as análises da aprendizagem, veremos abaixo o quadro 12, que se refere a questão 6.

Quadro 13 – Compreensão do Espaço Geográfico do Semiárido.

Questão 6 – Como é o espaço Geográfico do Semiárido?		
Educando(a)	Antes da Mediação	Depois da Mediação
A	Não sei.	É formado pelo clima semiárido e pela vegetação caatinga na região nordeste.
B	Não sei.	Tem seu clima na maior parte do tempo seco sua vegetação é a caatinga.
C	Não sei.	Tem sua população que mora no sitio e na cidade e formado por seu bioma caatinga e clima seco com chuvas.
D	Não lembro.	O clima, e a vegetação caatinga.
E	Não sei.	É formado pelo clima

		semiárido pela bioma catinga pelas atividades produtivas criação de cabras.
F	Não sei..	Formado pelos animais dessa região e também pelo clima semiárido e a caatinga.
G	Não sei.	É o espaço formado pelas ações do homem e os animais dessa região e seu clima e sua bioma a caatinga.
H	Não sei.	Ca pela vegetação caatinga e animais, pelo clima semiárido e na vegetação tem mandacaru, aroeira, chiquitos.
I	Não sei.	É formado pelo clima semiárido e vegetação caatinga também pela produção econômica das pessoas criação de cabras e verduras.
J	Não sei.	É o espaço onde mora as pessoas da região nordeste que tem clima semiárido e bioma caatinga.
L	Não sei.	Formado pelo clima semiárido pela população e suas produções econômicas e também seu bioma caatinga.
M	Não sei.	Composta pela vegetação dessa região e pelos sítios e cidades

Fonte: Pesquisa de campo.

A questão 6 do questionário no quadro 12, foi uma questão muito importante no processo de mediação, sendo o Semiárido um tema importante para nós desta região. Ao analisarmos as questões do primeiro questionário nos deparamos com um sentimento de tristeza ao observarmos que nenhum dos educandos sabe do que se refere essa questão.

Por este motivo a mediação da aprendizagem sobre este tema foi tão importante, pois não só bastava mostrar aos educandos como era formado este espaço ou como ele se apresenta em seu bioma, ou em sua cultura, mas também as relações sociais que implicam nesta região como é o caso da questão econômica,

climática, ambiental com o desmatamento da caatinga e a convivência com esta região, mostrando aos educandos que nossa região tem potencial e que é possível a convivência no Semiárido.

Podemos ver no quadro 11 acima aqui citado a aprendizagem dos educandos (as) e a sua compreensão sobre é o espaço Geográfico do Semiárido, seu bioma, sua vegetação e também e seus fatores econômicos. Ainda continuando as análises veremos abaixo o quadro 12, com a questão 7 do questionário onde pede que os educandos (as) cite três tipos ou mais de espaço Geográfico.

Quadro 14 – Espaços Geográficos Diferentes

Questão 7 – Escreva três ou mais tipos de espaços Geográficos diferentes que você conhece		
Educando(a)	Antes da Mediação	Depois da Mediação
A	Não sei.	A escola, quadra, meu sitio, campo de futebol do meu sitio e praças.
B	Não sei.	Cidades e sítios, santa Luzia, terrenos.
C	Não sei	Sitos, ruas cidades, terrenos e a escola.
D	Não sei.	Ruas, sitio onde eu moro, terreno onde fica minha casa espaço da escola.
E	Não sei	Onde eu moro, onde tem as plantações, cidades, e florestas.
F	Não sei.	Perto de casa onde mandacaru, sítios , ruas ,cidades onde tenho criações.
G	Não sei.	Campo de futebol do meu sitio, ruas de Santa Luzia, onde fica a quadra.
H	Não sei.	Lugar onde moramos, Santa Luzia, onde temos a vegetação, o caminho que vou para casa.
I	Eu não sei	Onde moro, aqui perto da escola, as cidades e os sítios.

J	Não sei.	A minha cidade o campo de futebol, o sitio do meu tio e a quadra.
L	Não sei.	O bairro de Santa Luzia, a cidade de Serra Branca, os sítios.
M	Não sei responder.	O espaço onde fica os animais, onde ficam as plantações , sitio onde eu moro e Santa Luzia.

Fonte: Pesquisa de campo.

A questão 7 do questionário aplicado no primeiro momento da pesquisa tem como objetivo obter informações sobre os tipos de espaços Geográficos que o educando (a) reconhece no seu dia a dia. Ao observar as respostas fica claro que o educando (a) continua na mesma linha de raciocínio sem nenhum conhecimento sobre a questão repetindo assim as mesmas respostas “não sei”.

Sendo o espaço Geográfico formado pelas relações sociais e econômicas a partir da interação entre o homem e o meio, podemos entender que o espaço geográfico se faz presente em todos os lugares da vida da sociedade. Como por exemplo: a comunidade onde moramos, nosso bairro, áreas de lazer, o campo sendo estas formados por sítios, e o meio natural e tantos outros tipos de espaços geográficos em nossa comunidade local que está interagindo constantemente nas escolas regionais, nacionais e mundiais.

A aprendizagem dos educandos (as) a respeito dos tipos de espaços geográficos teve grande êxito, pois os mesmos, compreenderam o objeto de estudo da geografia, o espaço geográfico que ele e fruto das ações em sociedade realiza de forma constantemente.

De forma geral podemos verificar como os educandos (as) conseguiram, compreender o tema abordado nessa pesquisa e de forma interativa aprender sobre o espaço geográfico, como também a importância do Semiárido e todo o seu potencial. Não basta só aprender sobre o espaço geográfico, mas se identificar neste espaço como agente transformador. No caso desta pesquisa, podemos identificar que os educandos trouxeram como exemplos de espaços geográficos, o seu lugar de vivência do cotidiano, desta maneira foi possível acompanhar nessa pesquisa a identificação dos educandos (as) com o espaço geográfico do campo do Semiárido, sendo este o seu espaço de trabalho, vida e lazer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia vem sendo debatida por muito tempo como uma disciplina em que se estudava as relações ambientais, mas que não se aprofundava em temáticas da Geografia Humana, sendo considerados de forma mais ampla apenas aspectos da Geografia Física. Com isso, os educandos (as) tinham apenas que decorar os elementos naturais da terra, os países, regiões, nomes de rios, biomas e entre outros. E não compreendiam a utilidade desse conhecimento, até hoje essa forma de se ensinar e aprender Geografia é conhecida como Tradicional.

Para rediscutir a Geografia Tradicional surge a partir da década de 1960 uma nova forma de se pensar em Geografia, atualmente conhecida como Geografia Crítica. A Geografia Crítica é alicerçada a partir das ideias em que focaliza no estudo crítico da sociedade e suas relações no âmbito do capitalismo, especialmente na análise da vida em sociedade.

Sendo estas, as duas principais correntes do pensamento geográfico que atuam no contexto escolar através do processo de ensino-aprendizagem mediado pelo professor. Podemos pensar e analisar como o ensino de Geografia tem sido abordado e, qual corrente do ensino geográfico está mais presente na mediação do conhecimento. Nessa perspectiva nossa pesquisa buscou através da perspectiva da Geografia Crítica abordar conteúdos presentes no livro didático, no caso dessa pesquisa o seguinte tema: O Espaço Geográfico. Para uma compreensão de forma mais ampla do conhecimento a respeito do tema, a contextualização, entre a vida do cotidiano dos educandos (as) com o tema foi fundamental.

Ao acompanhar o processo de ensino-aprendizagem desta pesquisa podemos observar a importância dos recursos didáticos no ensino de Geografia, sendo este um facilitador, envolvendo o educando (a) de forma mais próxima da temática levando-o a produção do conhecimento ao entender que esta temática faz parte de sua vida social, cultural e econômica descobrindo que o conhecimento não está longe, mas dentro de si através de suas vivências.

Os recursos didáticos nos mostram essa nova possibilidade de mediação do conhecimento geográfico. Assim, construímos o recurso didático através de um jogo pedagógico sendo este intitulado: O quebra-cabeça do espaço Geográfico do Semiárido. Pois na nossa compreensão trabalhar jogos como recurso didático para a mediação do conhecimento é uma forma divertida e extrovertida de se aprender,

desta forma os educandos (as) interagem entre si, provocando a ajuda mútua compreendendo a importância do colega de sala no processo de montagem deste jogo e, na vida em sociedade sendo esta formadora do espaço Geográfico. Sabemos que este trabalho não teve apenas como objetivo a montagem das peças do quebra-cabeça, mas a compreensão dos educandos de sua importância no processo de aprendizagem sendo estes autores das relações sociais e econômicas e culturais do espaço Geográfico do Semiárido.

Na mediação em sala de aula podemos abordar o Semiárido de forma mais ampla trazendo a percepção dos educandos (as) a potencialidade desta região em sua economia, cultura e seu bioma, entendendo o Semiárido com possível de se conviver retirando a imagem negativa formada no imaginário dos educandos (as) de uma região impossível de se conviver principalmente pelo seu fator climático. Poder trabalhar nas imagens do quebra-cabeça fatores da vida social e econômica como também cultural, se tornou uma das estratégias de contextualização onde os educandos se identificariam com estes espaços Geográficos, que ao mesmo tempo mostravam que era possível se conviver com o Semiárido.

De forma notória podemos verificar através das análises dos dados a importância desta pesquisa na aprendizagem dos educandos (as), como também a importância dos recursos didáticos no contexto escolar no ensino de Geografia como é o caso desta pesquisa, mas que também pode ser utilizada em qualquer outra disciplina do contexto escolar.

A partir desta pesquisa foi possível observar como os educandos (as) se interessaram pela disciplina e pela aprendizagem, era possível notar sua empolgação no momento das ações, um clima de empolgação no momento da aprendizagem. Os recursos didáticos no caso desta pesquisa o jogo pedagógico quebra-cabeça do espaço geográfico do Semiárido foi uma forma alegre, divertida, geradora de interação, onde a mediação da aprendizagem sobre o tema O espaço Geográfico, através da contextualização com o Semiárido, mostrou que o espaço de vivência é o primeiro espaço gerador do conhecimento geográfico para os alunos do campo do Semiárido.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia econômica**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 1985.

AB'SÁBER, Aziz Nacib, **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas** / Aziz Ab'Saber. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE, Correia, Manuel. **A TRAJETÓRIA DE MILTON SANTOS**, 2003.
Site=<https://www.fundaj.gov.br/images/stories/observanordeste/miltontsantos2.pdf>.
Acesso 14/08/19.

BRAGA, Andréa Jovane. **Usos dos jogos didáticos em sala de aula**. 2007

BRAGA, Andréia Jovane. ARAUJO, Maria Margarte de. VARGAS, Sandra Rejane Silva. **USO DOS JOGOS DIDÁTICOS EM SALA DE AULA, 2000**.

BRENDA, Thiara Vichiato, **jogos geográficos na sala de aula/ Thiara Vichiato Brenda**. – 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018. 153 p.; 23 cm (Educação, Tecnologias e Transdisciplinariedade)
Campinas – SP: 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014. Consultado em 29/08/2019. Cordis. História, Arte e Cidades, n. 6, jan./jun. pp. 301-332, 2011. acesso 26 de fevereiro de 2019.

DECRETO Nº 7.352, DE 4 DE NOVEMBRO DE 2010

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm

FAUSTO, Boris, 1930 – **História Concisa do Brasil** / Boris Fausto. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FRANCK, Adriana e NICHELE, Adriana. **Mediação da Aprendizagem**. EDUCERE – XI Congresso Nacional de Educação. 2015. p 24080-24093.

FREITAS, **A gestão do currículo escolar para o desenvolvimento humano sustentável do semiárido brasileiro/ Ivânia Paula Freitas de Souza**, - São Paulo: Peirópolis, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GHEDIM, EVANDRO. **Questões de método na construção da pesquisa em educação/ Evandro Ghedin, Maria Amélia Santoro Franco** – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta)

GUARALDO, Fabrizio. **Como surgiu o quebra-cabeça. 2012.** Site - <https://culturapopnaweb.wordpress.com/2012/12/28/como-surgiu-o-quebra-cabecas>

LACOSTE, Yves, 1929 - **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra/** Yves Lacoste; tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

LEWGOY, Alzira M^a. B; ARRUDA, Maria P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: **a experimentação do diário digital.** In: Revista Texto & Contextos. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2004.

LINS, Cláudia Maisa Antunes. “ **O Tempo está Bonito pra Chover**”: **experiência da produção de materiais didáticos contextualizados no Semi-Árido Brasileiro.** In: Caderno Multidisciplinar – Educação e Contexto do Semiárido Brasileiro: Currículo, Contextualização e Complexidade: Elementos para se pensar a escola no semiárido. V,1 – Juazeiro/BA: Selo Editorial RESAB,2007.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido uma visão holística.** – Brasília: Confea, 2007.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 5^oed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTOS, Beatriz; KUSTER, Ângela (Orgs.) **Educação no Contexto do Semi – arido brasileiro.** Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica /** Antonio Carlos Robert Moraes – São Paulo: Annablume,2007.

MOREIRA. R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MÖLLER, A. Cristina. **Mediar a aprendizagem.** Grupo de Trabalho - Didática: Teorias, Metodologias e Práticas. Agência Financiadora: Colégio Salvatoriano Nossa Senhora de Fátima ,2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino de Geografia? /** Ariovaldo Ulbelino de Oliveira (org.), - 10. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Fabiano Custódio de. **Ensino de geografia e educação do campo: experiências de metodologias e práticas contextualizadas nas escolas do semiárido /** organizador: Fabiano Custódio de Oliveira. – João Pessoa: Ideia, 2019.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral.** Editora Ática. São Paulo, SP. 2006.

PISCININI, Adona, Claudia, LIMA, Vargas,Christine. **O QUEBRA-CABEÇA COMO POSSIBILIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia/ Nidia Nacib Pontuschka.Tomoko.** 3 edição . 2009.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROESE Adriana. GERHARDT, Tatiana Engel. Souza. Aline Correia de. LOPES Marta Julia Marques. **Diário de campo: construção e utilização em pesquisa científica.** Online Brazilian Journal of Nursing, Vol 5, No 3 (2006).
Sitehttp://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_edfis_artigo_claudia_aparecida_piscinini.pdf consultado 01/09/2019.

SOUZA, Costa Sandra Kaliana. **RECURSOS DIDÁTICOS: UMA MELHORIA NA QUALIDADE DA APRENDIZAGEM.** 2013

SOUZA, Lana Cavalcante. **Geografia, escolar Construção de conhecimentos.** Site-<https://docplayer.com.br/9021935-Uso-dos-jogos-didaticos-em-sala-de-aula-resumo.html> Consultado em 13/09/2019.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A. **Notas sobre epistemologia da Geografia. Cadernos geográficos:** Florionópolis: Imprensa universitária, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Salete. Eduardo. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007. Disponível em: <
http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/0_19.df >. Acesso em: 10/08/2019.

SUDENE. **Delimitação do semiárido.** 2017

KUSTER, Ângela e MATOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. **Educação no contexto do semiárido brasileiro/organizadores:** Angela Kuster e Beatriz Helena Oliveira de Mello Mattos. - Juazeiro – BA: Fundação Konrad Adenauer: Selo Editorial RESAB, 2007.

APÊNDICE A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
PESQUISA DE TCC EXTENSÃO**

QUESTIONÁRIO DE ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

Aluno (a) _____

TURMA:

IDADE:

COMUNIDADE QUE MORA:

SEXO () M () F

1 – Para você o que é o espaço natural?

2 – Escreva os elementos que formam o espaço natural

3 – Para você o que é o espaço geográfico?

4 - Como é construído o espaço geográfico?

5 – O espaço geográfico é igual? () SIM () NÃO

Por quê?

6 – Como é o espaço geográfico do Semiárido?

7 – Escreva 5 tipos de espaço geográfico que você conhece